



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

KAUÃ DA SILVA ROSANEZI

**PESSOAS TRANS E A CONTEXTUALIZAÇÃO MASCULINA: a construção das
transmasculinidades na década de 1970 e 1980, pelas lentes de João Nery e Anderson
Herzer.**

SÃO CARLOS

2024

KAUÃ DA SILVA ROSANEZI

PESSOAS TRANS E A CONTEXTUALIZAÇÃO MASCULINA: a construção das transmasculinidades na década de 1970 e 1980, pelas lentes de João Nery e Anderson Herzer.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos para a obtenção do Grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Profº Drº Jorge Leite Junior.

SÃO CARLOS

2024

A GOTA DE SANGUE

Eu decaí, eu persisti

tentei por todos os meios ser forte.

Lutei contra o tempo, chorei em silêncio

gritei seu nome ao vento.

Sou filho da gota, fui templo de miséria

meu pai, um perdido

minha mãe, uma megera.

Cresci vendo prantos,

dormi em meio à mata

chorei gotas sanguíneas

sou o pecado, sou a traça.

Eu ouvi um grito de desespero,

vi a lenta corrupção,

vi o olhar do corruptor,

vi uma vida na destruição

eu vi o assassinato do amor.

Tentei, venci, a vitória conquistei

porém um dia faleci.

Hoje estou em sua lembrança

eu sou sua alma oculta e serei sua esperança.

Anderson Herzer

Dedico este trabalho a todos aqueles que perderam a vida durante essa grande batalha entre a sociedade e nossas identidades.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo meus pais, que sempre confiaram na minha capacidade, até quando eu duvidava do meu potencial. Por terem feito todo o possível para me manter na faculdade, comemorando cada conquista e me amparando em todas as vezes que pensei em desistir.

A todo o resto da minha família e todo o apoio incondicional que sempre recebi, obrigado por todas as conversas e todos os ensinamentos.

Aos meus amigos que me incentivaram a escolher esse curso, serei eternamente grato.

Ao meu amor, cuja importância foi fundamental para que eu completasse esse último ano, sem seu apoio e incentivo não sei onde estaria hoje.

A todos os professores que me ensinaram tanto nessa jornada.

Aos colegas de curso pela caminhada conjunta durante esses anos.

Ao apoio e orientação realizados pelo meu orientador Jorge Leite, iniciei essa monografia me sentindo perdido, e no final, acabei me encontrando de uma maneira que nem consigo explicar, obrigado por todo o incentivo e sugestões

A João e Anderson que tiveram a coragem e a resiliência de escreverem sobre suas vidas quando ninguém parecia querer ouvir suas vozes, termino esse trabalho como um homem melhor por causa de vocês.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo refletir sobre o processo de construção das identidades transmasculinas de João Nery e de Anderson Herzer no Brasil, entre as décadas de 1970 e 1980. Esta problematização tem como base as memórias narradas na obra “Erro de Pessoa: Joana ou João?” (1984) e “Viagem Solitária”(2019), assim como as narradas em “A queda para o alto” (1978). Tendo como objetivo específico analisar de que modo essas vivências trans se desenvolveram em suas épocas, mapeando como as estratégias subjetivas vinculadas aos estereótipos de gênero foram mobilizadas pelos dois objetos de pesquisa, para sobreviverem como uma pessoa trans-masculina, em uma época que era impraticável sobreviver desse jeito. Juntamente com o fato de que os efeitos da dominação masculina acabaram por influenciar na constituição de suas experiências identitárias, dessa forma, se por um lado eles eram considerados “desviantes”, por outro, paradoxalmente, reafirmaram a expressão do gênero masculino. Foi utilizado o método de pesquisa da análise de discurso, tal como proposto por Michel Foucault (1987), que auxiliou na hora de investigar a escrita autobiográfica, uma escrita denúncia, que revela os dispositivos de poder que ainda são tão presentes na nossa sociedade em cima daqueles que são estigmatizados e desviam da “ordem” imposta.

Palavra-chave: Gênero; transmasculinidades; estereótipos; estigma social, homem trans.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the process of constructing the transmasculine identities of João Nery and Anderson Herzer in Brazil between the 1970s and 1980s. This problematization is based on the memories narrated in “Erro de Pessoa: Joana ou João?” (1984) and “Viagem Solitária” (2019), as well as those narrated in “A queda para o alto” (1978). The specific aim is to analyze how these trans experiences developed in their times, mapping how subjective strategies linked to gender stereotypes were mobilized by the two research objects in order to survive as a trans-masculine person at a time when it was impractical to survive in this way. Together with the fact that the effects of male domination ended up influencing the constitution of their identity experiences, in this way, if on the one hand they were considered “deviant”, on the other, paradoxically, they reaffirmed the expression of the male gender. The research method of discourse analysis was used, as proposed by Michel Foucault (1987), which helped us to investigate autobiographical writing, a denunciatory writing that reveals the power devices that are still so present in our society when it comes to those who are stigmatized and deviate from the imposed “order”.

Keywords: Gender; trans masculinities; stereotypes; social stigma; trans man.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. METODOLOGIA.....	12
2.1 A IMPORTÂNCIA DA BIOGRAFIA.....	14
3. TRANSEXUALIDADE, O QUE É?.....	16
4. UM POETA, UM MENINO, UMA VIDA.....	19
4.1 A VIDA NUNCA FOI FÁCIL PARA HERZER.....	22
4.2 FEBEM E VIOLÊNCIA CARCERÁRIA.....	23
4.3 UM CORPO EM CAMPO DE BATALHA.....	26
5. JOÃO OU JOANA, VIDA DUPLA E SENTIMENTO DE NÃO PERTENCIMENTO...30	
6. O FENÔMENO TRANSEXUAL.....	36
7. MASCULINIDADE E TRANSFORMAÇÃO.....	37
8. PIONEIRISMO TRANS.....	41
9. AS DIFICULDADES NOS PROCESSOS DE DOCUMENTAÇÃO.....	48
10. INFÂNCIA, FAMÍLIA E A JORNADA DA ACEITAÇÃO.....	50
11. PATERNIDADE E VIDA APÓS AS CIRURGIAS.....	53
12. CONCLUSÃO.....	56
13. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

1. INTRODUÇÃO

Os estudos de gênero começaram na psiquiatria e na psicologia na década de 1950, e chegou aos estudos do movimento feminista, na década de 1960, tendo sofrido mudanças de rumo desde então. Os primeiros trabalhos feministas se concentravam na ideia de luta pela igualdade entre os sexos, tendo como principal ponto a denúncia das desigualdades entre homens e mulheres evidenciados nos mais variados âmbitos da vida. Esses estudos foram gradativamente admitidos dentro da academia, em diversas áreas de conhecimento, como sociologia, psicologia, antropologia, entre outros.

Nos anos de 1970, emerge uma corrente teórica que ficou conhecida como “feminismo da diferença” (CARVALHO, 1998, pg.381). Essa corrente tinha o intuito de evidenciar as diferenças entre homens e mulheres, estabelecendo um universo masculino e outro feminino, com o intuito de ressaltar a existência de uma oposição binária entre os sexos. Uma das críticas a essa corrente de pensamento diz respeito a seu caráter universalista e a-histórico, assim como o fato de que se toma como homogêneos os universos masculino e feminino, desconsiderando que mulheres são diferentes entre si, e homens são diferentes entre si (CARVALHO, 1998; SCOTT, 1995). É importante ressaltar que com menor ou mais ênfase nas características biológicas, os estudos feministas sempre procuraram o sentido da distinção entre os gêneros nas esferas sociais.

Segundo a historiadora Joan Scott (1995), as feministas americanas primeiramente começaram a usar o conceito de gênero como uma referência a organização social entre os sexos, para só mais tarde, enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre sexo e rejeitar o determinismo biológico implícito nos termos "sexo" ou “diferença sexual”. Essa ressignificação do termo gênero trouxe consigo a necessidade de haver *estudos de gênero* uma vez que, a história das mulheres não pode ser vista separada da história dos homens. Para Scott:

O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (Scott, 1995, pg. 75).

Essa relação é importante para esclarecer que gênero em si, é entendido dentro dos estudos sociais como uma construção puramente social, mutável e diferente dos termos biológicos. Sobretudo, quando se fala de pessoas transexuais, é relevante compreender que o

sexo biológico não necessariamente irá orientar o gênero do indivíduo, uma vez que, a construção do gênero é um processo social.

Em termos de gênero, somos divididos em dois grupos: pessoas cisgêneras, ou seja, que estão de acordo com o gênero que lhes foi designado ao nascer, que condiz com seu sexo biológico, e pessoas transgêneras, que são aqueles que não se reconhecem no gênero que lhes foi designado ao nascer (JESUS, 2012).

Dentro da comunidade transgênera existe uma diferenciação muito próxima de três categorias, que falaremos rapidamente, são essas: Travestis, Transexuais e Transgêneros. O termo transgênero, de forma mais generalista, é um conceito que engloba todas as experiências de pessoas que não se identificam com os papéis de gênero impostos nos mais diferentes graus (JESUS, 2012).

Stoller (1982) diferencia as travestis de pessoas trans, pontuando que essas apresentam uma expressão de gênero condizente ao gênero oposto sem, no entanto, desconsiderar seu sexo biológico, enquanto Jesus (2012) pontua que a utilização do termo travesti na sociedade brasileira se dá também na hora de classificar indivíduos que vivenciam uma experiência de gênero diferentes daquela condizente as expectativas de um sexo biológico estigmatizado, mas especificamente, a autora relata que as travestis performam vivências do gênero feminino sem obrigatoriamente se reconhecer como homem ou mulher.

Por último, transexual, o termo que usaremos nesta pesquisa para nos referenciarmos aos autores, trata de uma experiência identitária, assim como o termo travesti no Brasil, que compreende que o sexo biológico é diferente da identidade de gênero, como esclarece Scott (1995) e Butler (2003).

De acordo com Butler (2003) a sociedade se organiza em torno de um sistema de gênero binário onde a heterossexualidade é vista como uma condição “natural” e compulsória, onde as genitálias de um indivíduo consequentemente ditam seus comportamentos e suas preferências afetivas e sexuais, porém a autora pontua o fato de que, a distinção entre sexo e gênero atende a tese de que o gênero é socialmente contruído, e não há razões para a relação de sexo e gênero serem miméticas, ou seja:

Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino.(BUTLER, 2003, pg. 24-25)

Na análise do gênero como algo construído em corpos sexualmente diferenciados, há a

insinuação essencialista de que a cultura, mesmo como construção histórica, discursiva e social, seria algo determinante, enquanto os corpos seriam a base de sua integridade anatômica, pois quando se coloca que a cultura “constroi” o gênero ela se torna uma finalidade fixa igual ao biológico.

Butler (2003) rejeita a ideia de que a diferenciação de sexo e gênero se dá pelo fato de que o sexo é um dado natural, fixo e pré-cultural, em vez disso, ela afirma ser também uma construção social dos sujeitos. Entretanto, ela também questiona o caráter desse construtivismo que orbita “na polaridade filosófica convencional entre livre-arbítrio e determinismo” (BUTLER, 2003, pg. 29), suspeitando também das teses construcionistas ou culturalistas.

Entretanto, é importante salientar que a ideia de gênero e sexo proposta por Butler (2003), de ser uma construção cultural de sujeitos, não é bem aceita socialmente, principalmente se levarmos em conta que recentemente, até o começo de 2018 o termo transexualismo constava na “Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde” (CID-10) como um transtorno mental que afeta a personalidade e o comportamento (OMS, 1997). Entretanto desde 2018¹ a Organização Mundial de Saúde (OMS) oficializou durante a 72ª Assembleia Mundial da Saúde em Genebra, a retirada da classificação da transexualidade como transtorno mental da 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID), a transexualidade permanece na CID como “incongruência de gênero”, porém, na categoria de condições relativas à saúde sexual, enquanto a cisgeneridade não aparece em lugar nenhum.

Vale ressaltar também que o termo transexualidade ou “transexualismo” fez e ainda faz parte de diversos manuais e cartilhas sobre saúde mental, onde a experiência transexual é muitas vezes colocada como um fator patologizador que reforça o estigma de doença, o que prejudica muito a comunidade trans, que contém um grande histórico de luta contra essa categorização patologizante.

No Brasil, as interpretações médicas seguem o padrão internacional e as classificações do CID, no que diz respeito ao processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). No cenário político, apesar dos homens trans² buscarem esse tratamento (Almeida 2012),

¹ Informação disponível em:

<<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/junho/organizacao-mundial-da-saude-retira-a-transsexualidade-da-lista-de-doencas-e-disturbios-mentais>> Acesso em: 06 de julho de 2024

² Diminutivo para se referir a pessoas que vivenciam papéis de gênero fora dos modelos normativos predominantes na sociedade, as quais se pode denominar genericamente como integrantes da população “transgênero”, composta predominantemente por travestis e transexuais, mas também por quaisquer outras pessoas que não se identificam com o gênero que lhe foi atribuído socialmente. (JESUS, 2012).

principalmente para conseguir o acesso a harmonização com testosterona e a cirurgia de mamoplastia masculinizadora, eles frequentemente não estão interessados em realizar todos os procedimentos considerados parte do protocolo transexualizador como a histerectomia. Em consequência, homens trans passam, mesmo que inconscientemente, a apresentar um papel de desconstrução da concepção de sexo e gênero respaldado na biologia, resignificando o que é ser homem dentro da própria convicção de identidade de gênero.

Apesar de não querermos universalizar as experiências, procuramos nesta pesquisa entender melhor quais são as necessidades dos homens trans e como se dá a construção desta identidade quebrando ou não, as expectativas heteronormativas. Diante desse cenário, o objetivo do nosso texto, tendo em vista a discussão emergente da comunidade transmasculina no Brasil, em especial no meio acadêmico, é contribuir para a discussão acerca da construção dessa identidade masculina no Brasil, que a socióloga Simone Ávila (2014) aborda como uma emergente identidade política e social, colaborando assim com uma nova abordagem analítica acerca das identidades transmasculinas e identificando de que modo os estereótipos de gênero acerca do ideal de masculinidade afetam esses corpos.

João e Anderson são de uma época em que o modelo hegemônico de masculinidade, além de muito tradicional, era pouco questionado. Propusemo-nos a entender de que modo isso contribuiu, ou não, para a construção de suas masculinidades. João veio de uma família mais abastada, tendo oportunidades de aprender mais sobre si mesmo, algo que Anderson jamais sonhou em encontrar. Eles foram escolhidos para esta pesquisa principalmente por terem dinâmicas de vida muito diferentes. Assim, por serem dois indivíduos com trajetórias de vida distintas, podemos analisar duas situações semelhantes: a de pessoas transgêneras, que possuem anseios parecidos, mas histórias com desfechos diferentes

Assim, ao analisar a trajetória de vida de João e Anderson, pretendemos evidenciar dentro do caráter cultural o que se entende sobre as categorias de gênero. Dessa maneira, ao assumir que a masculinidade é um processo construído socialmente, as explicações de cunho biologicista perdem o lugar de verdade absoluta sobre o fenômeno da masculinidade, passando a ser encarado como um processo cultural, concebido na interação entre sujeitos e instituições sociais, fazendo a trajetória de vida de indivíduos como João e Anderson, uma importante ferramenta para a compreensão das normas de gênero.

2. METODOLOGIA

Nesta pesquisa me proponho a analisar a produção autobiográfica de autores trans no Brasil como estratégia de resistência, organização e autopreservação, sendo essas as obras autobiográficas de João W. Nery e Anderson Herzer, através das obras publicadas sobre gênero e seus estereótipos, de autores como Judith Butler, Berenice Bento, Simone Ávila, Guilherme Almeida, entre outros, tendo como objetivo compreender a trajetória de imaginários e saberes dos sujeitos.

Foi utilizado para o presente trabalho a proposta metodológica do uso da análise de discurso, tal como proposta por Michel Foucault (1987), que coloca a noção do discurso como um acontecimento histórico. Todo discurso possui seu polo de produção, sendo que esse discurso não é feito de maneira aleatória, pois obedece aos interesses constituídos pelas relações de poder. Para o autor o discurso não é imaterial, pois a todo instante materializa-se nas práticas sociais dos sujeitos produzindo nestes efeitos.

Foucault (1987) sugere que ao pensar nas análises de discurso não se deve cair no princípio da continuidade, nem na consciência de signos ou da estrutura. O cerne de seu pensamento propõe incorporar, o acaso, o descontínuo e a materialidade como modo de examinação desse discurso, sendo assim percebido enquanto séries distintas de acontecimentos, pois:

Não se trata, aqui, de neutralizar o discurso, transformá-lo em signo de outra coisa e atravessar-lhe a espessura para encontrar o que permanece silenciosamente aquém dele, e sim, pelo contrário, mantê-lo em sua consistência, fazê-lo surgir na complexidade que lhe é própria. (FOUCAULT, 1987, pg.54)

Em a *Ordem do discurso*, Foucault (1987, pg.9) aponta como uma série de mecanismos, selecionam, controlam, organizam e redistribuem a produção dos discursos, que tem como principal função esquivar de sua materialidade, por meio de indivíduos “habilitados” a fazê-lo, ou seja, essas práticas discursivas vão ser percebidas pelos status do sujeitos que fala, dependendo do lugar que este fala e considerando a posição social que ele ocupa. Por isso é tão importante incorporar os três princípios de análise de discurso, que são; o acaso; o descontínuo e a materialidade. Pois auxilia na percepção de como os discursos se materializam através das práticas sociais dos sujeitos, questionando assim, o que a própria sociedade estabeleceu como uma realidade a ser construída.

Esses três princípios são fundamentais para analisar as obras propostas, pois os discursos devem ser percebidos dentro de seus próprios processos histórico-sociais, respeitando as

relações históricas presentes na própria narração, que continuam vivas dentro dos seus relatos. Nesta pesquisa, buscamos explorar os materiais na medida em que também são processos históricos e políticos de seu tempo e estão intrinsecamente ligados às estruturas de poder de suas épocas.

O discurso em Foucault se apresenta como uma dimensão de produção de realidade social, uma prática sócio-histórica que só se explica mediante o exercício da análise, o discurso não está dado imediatamente no que se diz ou se escreve; tampouco está oculto, pois não se resume a conjunto de frases ou proposições enunciadas por alguém. Ao contrário, é o discurso que encerra o sentido e também a possibilidade de frases e proposições serem enunciadas sob certas condições espaço/temporais específicas; é tratar o discurso “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam.” (FOUCAULT, 1987. pg. 56)

Ao focar em um discurso específico, mesmo que dentro de duas realidades distintas, tem-se por objetivo mostrar a experiência de construção social da masculinidade, por meio da ótica de indivíduos transexuais masculinos, tomando a narrativa de dois desses autores como objeto privilegiado de análise, dessa forma, ao usar Foucault, podemos identificar a possibilidade de que determinadas narrativas aparecem enquanto discurso, ao mesmo tempo que envolve diversas convicções, de histórias de vida entrelaçadas, que apresentam posições sociais diferentes, mas estão dentro do mesmo grupo escolhido para fazer o trabalho.

Acredita-se, assim, que a história de vida de João Nery e Anderson Herzer pode se tornar mais uma peça nessa grande rede complexa das relações de gênero, levando sempre em consideração os contextos históricos a que ambos pertenciam. Consideramos que as práticas sociais se constituem discursivamente, e é a partir dos discursos que podemos analisar de que modo são concebidas as identidades sociais ou subjetivas. Por isso, escolhemos esse método de análise foucaultiana.

Pretendemos analisar os discursos de Nery e Herzer de modo a respeitar a autonomia de suas obras, buscando, por meio de uma descrição minuciosa das práticas sociais em sua descontinuidade histórica, relacionadas às relações de poder, compreender as verdades dos sujeitos e como eles são efeitos de seus próprios discursos. Queremos entender de que lugar eles falam, como é o seu modo de existir e como se situam dentro dessas expectativas. Além disso, buscamos compreender a descontinuidade do sujeito para analisar o que se desenvolve ao seu redor, como isso se dá e por que pessoas com problemáticas semelhantes tiveram desfechos tão diferentes

A escolha de seguir um caminho acadêmico focado na análise de biografias se fundamenta na minha posição enquanto interlocutor da pesquisa e, também, como homem trans. Essa vivência me permite compreender de maneira mais sensível as nuances presentes nos enunciados dos autores pesquisados, o que talvez passasse despercebido para alguém sem essa experiência pessoal. Ao utilizar o método foucaultiano de análise, posso não apenas analisar os discursos presentes nas biografias, mas também compreender como as relações de poder, identidade e resistência se manifestam nas trajetórias de vida dos indivíduos estudados. Sendo parte da mesma comunidade e partilhando de experiências comuns, estou em uma posição singular para explorar as particularidades que moldam essas narrativas, revelando como os sujeitos negociam sua existência dentro de contextos sociais historicamente marcados por normas de gênero opressivas.

Por fim, o foco da pesquisa é apresentar o que de suas histórias de vida se mantêm e o que já foi superado, não só para contextualizar toda a trajetória que indivíduos transexuais passaram durante um período que era muito difícil ser transexual no país, mas também para analisarmos de maneira mais acurada o caráter sociocultural que envolve a “fabricação” da masculinidade, ou seja, a dinâmica que permite ser interpretado e “aceito” como homem dentro de uma sociedade pautada pelo binarismo de gênero.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA BIOGRAFIA

As narrativas biográficas têm se consolidado como importantes fontes de informação e de memória, pois essas obras, na maioria dos casos, conseguem transpor a esfera da individualidade para se consolidarem como documentos importantes para um determinado grupo, época ou lugar.

As biografias não são em si uma novidade acadêmica, principalmente por ser um assunto abordado em diversas áreas do conhecimento, como na história, na filosofia, na antropologia, na biblioteconomia, na sociologia, entre outros, condição essa, que acentua sua importância enquanto gênero narrativo e interdisciplinar. Avelar (2011) pontua como a recuperação da utilização das biografias como material empírico de pesquisa foi reivindicada pelos micro-historiadores ao resgatar “a singularidade, na teia construtiva de uma nova história social, após um longo predomínio dos recursos estatísticos e das permanências e continuidades da história quantitativa e serial.” (AVELAR, 2011, pg.143)

Por outro lado, Pierre Bourdieu aponta que usar a história de vida como ferramenta de

pesquisa, para compreender conceitos sociais e conjuntos coerentes de determinados grupos sociais, é uma ilusão, pois:

Eis por que o nome próprio não pode descrever propriedades nem veicular nenhuma informação sobre aquilo que nomeia: como o que ele designa não é senão uma rapsódia heterogênea e disparatada de propriedades biológicas e sociais em constante mutação, todas as descrições seriam válidas somente nos limites de um estágio ou de um espaço (BOURDIEU, 2006, pg.187)

Para o autor, o sujeito que está a escrever a biografia não consegue achar coerência com o real, pois esse possui um trabalho descontínuo, somado de elementos pessoais, fora de propósito, pois para Bourdieu, se não há uma justificativa específica, então as histórias de vida não passam de uma organização de pensamentos para explicar uma trajetória individual, não dá para infringir sentido em uma existência que é dotada de conflitos particulares e inquietações fragmentadas.

Como neste trabalho iremos usar uma linha metodológica foucaultiana, é a partir de seus estudos que entendemos a importância do material biográfico dentro de uma análise sociológica. Foucault pontua que quando se investiga uma história de vida, o foco principal não deve se resumir naquilo que o entrevistado ou o sujeito da pesquisa disse ou vive individualmente, pois dentro dos discursos existe um lugar determinado e vazio que pode ser ocupado por diferentes indivíduos. O autor pontua que:

Se uma proposição, uma frase, um conjunto de signos podem ser considerados “enunciados”, não é porque houve, um dia, alguém para proferi-los ou para depositar, em algum lugar, seu traço provisório; mas sim na medida em que pode ser assinalada a posição do sujeito. Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo o indivíduo para ser sujeito. (FOUCAULT, 1987, pg.109)

Para Foucault, o ponto principal não é desvendar o que não foi dito ou o que poderia ser dito, o importante é compreender o conjunto das coisas ditas, como a análise de um contexto social, buscando entender de que forma as transformações podem ser observadas, de que forma a singularidade do sujeito se expressa; sua trajetória de vida em sí, não é de suma importância, porém o que o sujeito transcorre não é dito em qualquer lugar, ao mesmo tempo em que este saber “individual” não há de ser próprio ou anômalo desse indivíduo.

É importante ressaltar que quando falamos sobre a produção autobiográfica de autoria trans no Brasil, apesar de usarmos uma análise de discurso, não deixa de ser uma história de vida que passa por muitas particularidades, e que busca encontrar um lugar onde possa existir em um espaço de autorrepresentação. João e Anderson escreveram em épocas que, para eles, não existia mais ninguém passando por esses mesmos processos, eles foram contra tudo aquilo que lhe foi apresentado como existência, evidenciando diversos estigmas (Goffman, 1988), que eles

recorrentemente tiveram que enfrentar, como por exemplo, violência, perseguição, discriminação e rejeição.

Pessoas trans no geral, precisam enfrentar diversos desafios para simplesmente expressar a sua existência, principalmente vivendo em um “cistema” transfóbico agressivo e excludente, que delimita muito bem qual o modelo “certo” de se ver e de se expressar como humano, desse modo, a escrita do trabalho autobiográfico é revolucionário, pois se acha aqui, um lugar onde é possível articular seus prazeres, vitórias, realizações, como uma forma de materializar suas visões de mundo.

Ao escrever sobre suas trajetórias de vida, acabam por esbarrar em diversos outros interlocutores, que podem ou não se identificarem, mas o mais importante, podem reconhecer como a transfobia se mantém em nossa sociedade. Analisando biografias de vários anos atrás, mas que ainda possuem em sua subjetividade um cenário que é tão recorrente dentro da sociedade brasileira; o de como pessoas trans precisam lutar diariamente para existirem e terem uma vida digna.

3. TRANSEXUALIDADE, O QUE É?

A transexualidade é o anseio constante de viver, ser lido e reconhecido como o gênero oposto ao qual lhe foi atribuído ao nascer, mesmo que para isso se vá contra tudo aquilo que a sociedade cisgênera³ e heteronormativa⁴ impõe e aceita como “normal”. O conceito de cisgeneridade consegue estabelecer um paralelo crítico ao da transgeneridade, porque, apesar de todos os gêneros passarem por um processo de materialização através de diversas práticas, sejam elas perceptíveis, por meios de trejeitos, vestimentas, mudanças físicas, entre outros, somente os corpos cis gozam do privilégio de ser situado como uma condição natural. Tendo o sexo e o gênero em concordância, são considerados reais, verdadeiros, enquanto os corpos trans são caracterizados por uma produção artificial distante da realidade cisnormativa.

Butler (2003) argumenta que os sujeitos 'homem' e 'mulher', juntamente com os atributos de gênero que lhes são atribuídos, masculino e feminino, respectivamente, só são levados em consideração e de fato adquirem um significado essencial quando submetidos aos parâmetros

³ Cisgeneridade engloba “pessoas que se identificam com o gênero que lhe foi atribuído socialmente” (JESUS, 2012).

⁴ Para Pino (2007), a heterossexualidade compulsória atua obrigando socialmente as pessoas a se relacionar, amorosa e sexualmente, com pessoas do sexo oposto. Já a heteronormatividade age no sentido de enquadrar todas as relações, mesmo as relações entre pessoas do mesmo sexo, em um binarismo de gênero que pretende organizar as práticas, os atos e desejos, com base no modelo do casal heterossexual reprodutivo.

normativos proporcionados pelo binarismo de gênero e pela heteronormatividade. Para a autora, sem o pressuposto da heterossexualidade não há então um motivo plausível e intangível para continuamente diferenciar homens e mulheres enquanto se mantém o principal critério para a determinação da estabilidade a distinção entre sexo e gênero. Sem essas regras binárias que a sociedade insiste em adotar como ordem, toda a fundação entre estereótipos de gênero e as mudanças biológicas não seriam necessárias.

As diversas expressões das transmasculinidades são vivenciadas por indivíduos que foram, biologicamente, designados mulheres ao nascer, mas que posteriormente na vida, acabaram por manifestar corporalidades e identificações consideradas masculinas. Suas experiências contradizem os modelos de gênero normativo que exige a coerência entre corpo, expressão de gênero e sexualidade. É importante ressaltar que, muitos desses sujeitos, durante o processo de transmasculinização desejam realizar intervenções hormonais e/ou cirúrgicas em seus corpos, o que necessita de acompanhamento médico integral e especializado, entretanto, esses processos não são regras; é um desejo de muitos, mas não são essas intervenções que caracterizam uma pessoa transexual.. Guilherme Almeida (2012) caracteriza os homens trans em quatro grupos, de modo a estabelecer e apresentar alguns matizes do que ele chama de “a complexa aquarela das masculinidades”.

O primeiro grupo é formado por pessoas que não desejam um total deslocamento do feminino, permanecem sobre o termo “mulher” por diversos objetivos ou subjetivos, principalmente no que diz respeito a vida social, familiar e até mesmo corporal, porém na intimidade usam nomes ou apelidos masculinos, usam-se de vestimentas masculinas mesmo que conciliando com outras características e signos sociais que lhes permitam preservar a identidade feminina. Essa análise sobrepõe algumas problemáticas, como no caso de mulheres lésbicas defeminizadas⁵, que possuem as características que Almeida propõe nesse primeiro grupo, mas não possuem nenhum interesse, pretensão ou reivindicam serem homens, em nenhuma instância.

O segundo grupo é formado por homens que não desejam ou não optam por nenhum tipo de modificação corporal ou cirúrgica, recorrendo a recursos culturais disponíveis para alcançarem a aparência mais próxima com o gênero ao qual se identificam, como por exemplo, corte de cabelo, roupas específicas, calçados, uso de apelidos masculinos, entre outros, se declarando efetivamente pertencentes ao gêneros masculino apenas se expressando dessa maneira.

⁵ Termo usado para caracterizar mulheres que não performam a feminilidade tradicional e hegemônica.

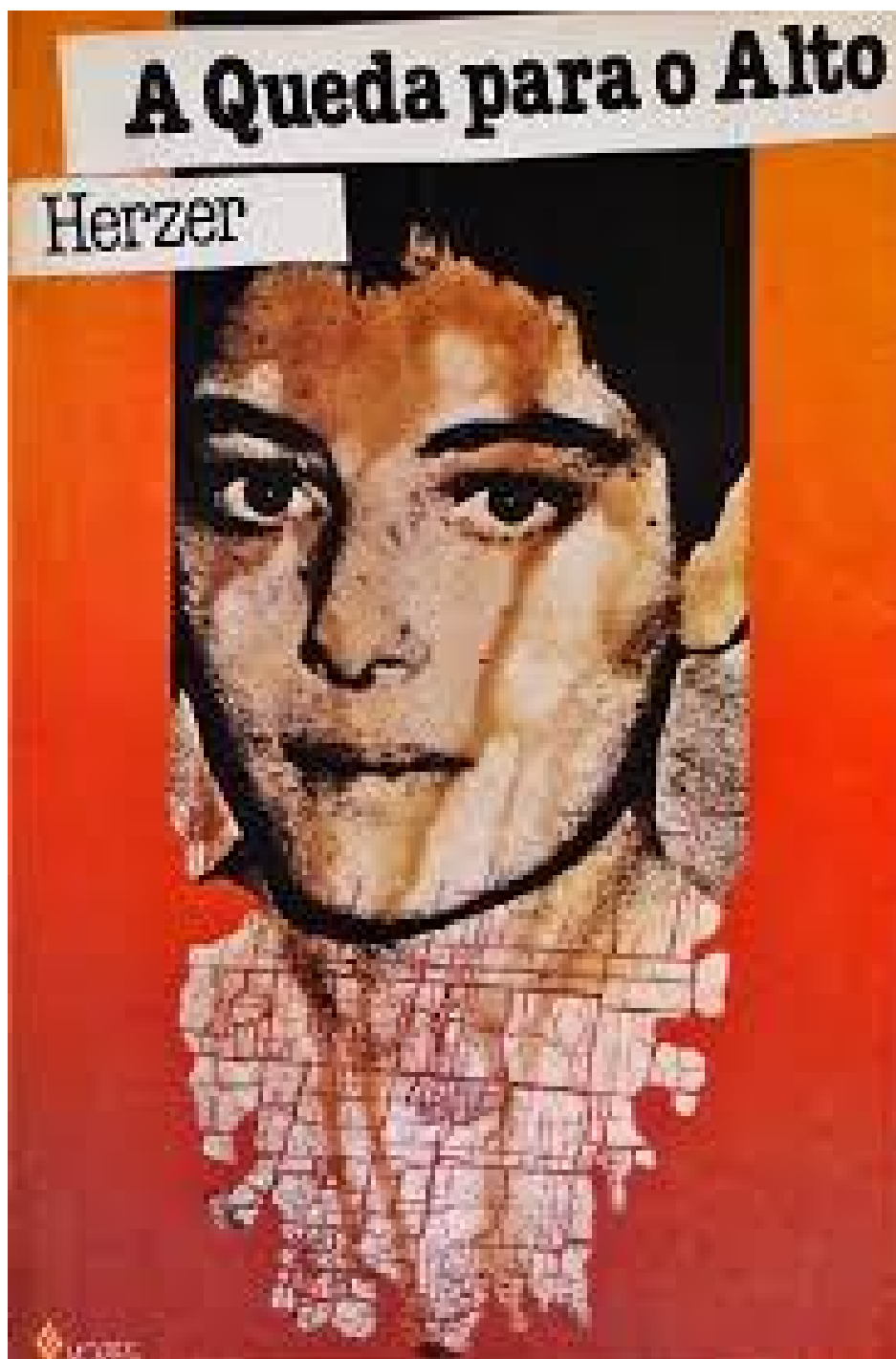
O terceiro grupo é caracterizado por pessoas que elaboram performances públicas em que os gêneros se misturam, desta forma eles são capazes de expressar suas insatisfações com o binarismo de gênero e com a heteronormatividade, ainda falam sobre o desejo de modificações corporais por meio da ingestão de testosterona, mas não possuem pretensão de realizar procedimentos cirúrgicos.

O último e quarto grupo é identificado por indivíduos que fazem ou desejam mudanças corporais através da harmonização por testosterona e/ou por intervenções cirúrgicas, utilizando também de recursos sociais, como mudança de nome e gênero, para ser reconhecido e identificado como o gênero masculino, além de recorrer também a roupas, calçados, cortes de cabelo, faixas torácicas⁶ (conhecida popularmente como *binder*) e próteses penianas de uso diário, o que é possível pelo processo transexualizador fornecido pelo SUS (Sistema Único de Saúde), que tem se tornado cada vez mais visível na cena pública brasileira.

Simone Ávila (2014), fez em seu doutorado uma pesquisa sobre a emergência de novas identidades políticas e sociais, em específico, as transmasculinidades, utilizando de um trabalho de campo efetuado entre 2009 e 2014 que envolveu trinta e três interlocutores, entre dezoito e cinquenta anos, todos tendo escolaridade alta. Ávila aborda a transmasculinidade de um jeito muito didático, apontando como os sujeitos são lidos e identificados a partir de códigos específicos onde conseguem construir suas vivências e corporalidades de acordo com o gênero com o qual se identificam.

É a partir dos relatos que observamos certas similaridades entre os sujeitos, como o fato de que nem todos querem fazer cirurgias de redesignação sexual, porém a maioria tem o desejo de retirar as mamas ou já tirou, sua pesquisa é muito interessante para esse trabalho, porque nos mostra como as declarações dos indivíduos entrevistados acabam por se assemelhar muitas vezes com os relatos de João, principalmente, mas também de Anderson, que teve uma história de vida muito singular e precisou enfrentar diversas dificuldades durante sua trajetória.

⁶ É uma peça de roupa ou faixa, que comprime ou achata os seios, com o objetivo de reduzir a aparência das mamas.



(Capa do livro *Queda para o alto*, de Anderson herzer)

4. UM POETA, UM MENINO, UMA VIDA.

“UM HOMEM JAMAIS MORRE, ENQUANTO SUA EXISTÊNCIA
FOR RECORDADA”(HERZER, 1987, pg.161)

A queda para o alto é um livro separado em duas partes, uma de conotação biográfica,

onde o autor discorre sobre sua trajetória de vida, e uma segunda parte dedicada a poesias, escrito por Anderson Herzer. É considerado o primeiro livro brasileiro escrito por um homem trans, apesar de João Nery ser mais velho e ter escrito primeiro, o livro do Herzer foi publicado antes.

O livro apresenta um relato autobiográfico que traz em sua narrativa toda uma história de vida, desde sobre sua vivência e problemas com os pais, sua vida após a morte deles e como foi se mudar com seus tios, todos os problemas envolvendo vício em álcool e drogas, assim como todo o período, dos 14 aos 17 anos, em que viveu entre idas e vindas na FEBEM⁷ (Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor) de São Paulo.

Uma obra que já nasceu em tom de protesto e rebelião, foi com uma grande coragem que Herzer narra toda sua vivência dentro da FEBEM, onde denuncia as violências que eram afligidas as jovens detentas, só pelo simples fato de não vivenciarem seus desejos e gêneros conforme o padrão, ao mesmo tempo em que criticava o padrão biologizante para a identidade de gênero masculina. Apesar do tema central da obra não ser exclusivamente questões de gênero, serão essas as partes que iremos abordar aqui, levando em consideração que, apesar do autor não se autodeclarar um homem trans, até porque essa tipo de identidade nem existia na época, ele afirma que: “Para mim eu era um rapaz em fase de adolescente, e para alguns, um caso que deveria ser tratado clinicamente” (HERZER, 1987, pg. 114).

É importante salientar que a construção da transmasculinidade nessa autobiografia foge dos estereótipos de gênero impostos pela sociedade cisnormativa, principalmente quando levamos em consideração que certos padrões médicos, cristãos e heteronormativos, são usados como uma forma de atribuir características fixas que tem por finalidade padronizar de que modo pessoas trans podem se “adequar” ao convívio social.

A queda para o alto é dividida em duas partes: “Depoimentos” e “Poemas”. Entretanto antes de começar há o prefácio, onde corrobora relatos do até então deputado estadual pelo MDB, Eduardo Matarazzo Suplicy, onde este descreve sobre as circunstâncias que conheceu Herzer, assim como a transcrição de dois requerimentos do deputado junto a direção da FEBEM e ao juizado de menores. É importante salientar que o debate sobre a transexualidade era

⁷ A Funabem - fundação nacional do bem-estar do menor - deu origem às febens estaduais e foi criada a partir de um ato do presidente Marechal Castelo Branco em 1964. Que tinha como fundamento e controle da pobreza, olhando para os pobres como desqualificados. Em São Paulo a Febem foi instalada em 1976, em suas unidades recebiam menores com “problemas de conduta” e também crianças abandonadas e carentes. (TEIXEIRA, 2010). informação disponível em:

<https://www.aasptj.sp.org.br/antigo/artigo/hist%C3%B3ria-da-febem-sp-uma-perspectiva-e-um-recorte>

Acesso em: junho de 2024

praticamente inexistente na época em que o livro foi escrito; desse modo, podemos entender o porquê nas maiorias das vezes o deputado Suplicy se refere a Herzer como mulher.

É também nessa parte que o deputado narra como foram os últimos dias da vida de Herzer, assim como um dos últimos poemas que ele escreveu, intitulado “Minha vida, Meu aplauso”, que é um dos poemas mais simbólicos de toda sua obra.

“MINHA VIDA, MEU APLAUSO

Fiz de minha vida um enorme palco

sem atores, para a peça em cartaz

sem ninguém para aplaudir este meu pranto que vai pingando e uma poça no palco se faz. Palco triste é meu mundo desabitado

solitário me apresenta como astro

que chora, ri e se curva à derrota

e derrotado muito mais astro me faço.

Todo mundo reparou no meu olhar triste mas

todo mundo estava cansado de ver isso e todo mundo se esqueceu de minha estréia

pois todo mundo tinha um outro compromisso.

Mas um dia meu palco, escuro continuou

e muita gente curiosa veio me ver

viram no palco um corpo já estendido

eram meus fãs que vieram pra me ver morrer. Esta noite foi a noite em que virei astro

a multidão estava lá, atenta como eu queria suspirei eterna e vitoriosamente

pois ali o personagem nascia

e eu, ator do mundo, com minha solidão... morria!”

(HERZER, 1987, pg.12)

Em seguida temos a participação de Lia Junqueira, a então presidente do Movimento em Defesa do Menor, que conheceu o caso de herzer em uma visita às unidades da Febem em 1980, ela começa citando o poema “El Pedante” de Ernesto Cardenal, que muito sucintamente discorre sobre como a vida de Herzer teve diversos desafios desde a infância, e como esse sofreu diversos abusos físicos e psicológicos dentro de uma instituição que deveria o acolher. Junqueira também discorre sobre um ex namorado de Anderson, chamado Bigode, e como ela acredita que ele age igual um protetor de Herzer, que fica desolado após sua morte, e passa a usar o mesmo apelido de “bigode” para sempre ter esse ex namorado consigo.

As depressões são profundas nos momentos raros em que Bigode desaparece e Sandra

tem que assumir Sandra. Por isso mesmo, ela policiava todos os seus momentos para impedir a ausência de Bigode. Quero acreditar que, naquela noite chuvosa de agosto de 82, num descuido seu, Bigode se ausentou e repentinamente ela se sentiu desamada. Sem amor, sem Bigode, desesperada saiu à sua procura, e repentinamente percebeu que só havia uma maneira de encontrá-lo, não tinha outra saída. E ao cair no asfalto, subiu com Bigode para nunca mais descer. (HERZER, 1987, pg.17-18)

4.1 A VIDA NUNCA FOI FÁCIL PARA HERZER

Anderson Herzer nasceu em Rolândia, Paraná, no dia 10 de Junho de 1962, sua autobiografia começa a ser escrita em 1980, logo após Eduardo Suplicy estabelecer contato com a diretora da editora Vozes Ltda, Rose Marie Muraro. Seu livro foi publicado poucos meses antes de sua morte, em 1982.

Seu livro se inicia com um forte relato onde Herzer deixa claro que sua vida nunca foi fácil, e que não irá esconder os fatos desagradáveis que aconteceram em sua trajetória. Ele inicia seu depoimento dizendo:

Quisera eu ter um início, movido por uma varinha mágica, mas o modo mais simples e sincero seria começar relatando minha vida, sem esconder fatos desagradáveis, pois esses fatos me trouxeram experiências que às vezes me pareciam sem solução, mas me ajudaram a reconhecer, como muitos dizem: “o único problema sem solução é a morte”. (HERZER, 1987, pg..23)

Nasceu em família pobre, perdeu pai e mãe muito cedo e não se recorda de ter tido contato com o pai. Sua memória mais forte era de seu funeral, e sempre teve contato limitado com sua mãe, sendo criado por sua avó e sua tia. Foi adotado pela “tia A” e pelo “tio B” e se mudou para Foz do iguaçu, onde ficou poucos anos, até irem para São Paulo, quando Anderson tinha 7 anos.

Anderson relata ter tido uma infância muito problemática, sempre se envolvendo em situações de violência. Ele discorre sobre o fato de não sentir pertencer mais a um lar mais, e mesmo com pouca idade foi se tornando “uma criança adulta, que lutava contra tudo e contra todos” (HERZER, 1987, pg.30). Não se dava bem com os tios e a escola também não era um espaço onde se sentia acolhido, estava quase sempre de castigo ou se envolvendo em confusões.

Ele relata que já com 14 anos começou a beber, passava as noites fora de casa em bares, já com tão pouca idade buscava na bebida seu ponto de refúgio, Pratta e Santos (2006) apontam como o uso de drogas lícitas ou ilícitas entre adolescentes, muitas vezes ocorrem por causa das experiências familiares que o indivíduo teve na infância, eles pontuam três temas importantes quando se fala de adolescentes que por algum motivo começaram a usar qualquer tipo de droga, que são:

(a) o aumento do consumo de drogas tanto lícitas quanto ilícitas entre adolescentes; (b) o papel que a família exerce na constituição dos adolescentes; e (c) a importância da qualidade da vida familiar como forma de evitar o envolvimento de adolescentes com substâncias psicoativas. (PRATTA & SANTOS, 2006, pg.321)

Ou seja, tudo na vida de Anderson acarretou para que ele achasse conforto no álcool, desde muito novo ele já teve contato com essa substância “Lembro uma vez em que minha mãe foi à casa de uma vizinha enquanto eu assistia televisão; aproveitei, fui até a geladeira e tomei grandes doses de pinga, voltando a sentar-me no sofá, rapidamente.” (HERZER, 1987, pg.33)

As diversas vezes que voltou bêbado para casa foram o suficiente para sua tia o internar na Comunidade Terapêutica Infância (CTE). Nesse lugar que Anderson utilizaria de outras drogas pela primeira vez; foi apresentado a alguns comprimidos por algumas das meninas que residiam na comunidade e enquanto estava sobre o efeito das drogas infringiu algumas normas e foi expulso da CTE, sendo assim forçado a conviver com seus tios, ainda foi internado no Instituto Eldorado de Repouso.

Herzer relata dois episódios que seriam essenciais para explicar a sua revolta para com seus pais adotivos; o primeiro foi o caso de sua mãe, onde Anderson flagrou uma traição, o que o desiluiu totalmente, principalmente pelo fato de que até esse momento, ele adorava o pai, e o segundo episódio foi em referência ao abuso que sofreu pelo próprio pai a quem tanto admirava, que quebrou seu braço devido ao fato de Anderson tentar fugir de seu abuso.

Talvez meu pai já pensasse em fazer isso antes, ou talvez tenha sido algo que ele pensou naquele momento, mas estava eu tapando alguns vidros de perfume, quando senti seu corpo tocar no meu corpo, e suas mãos me apertaram, aquelas mãos que antes eram tão doces e paternas, tornaram-se imundas e nojentas. Sim, meu pai me desejava. (HERZER, 1987, pg.41)

A relação conflitiva que Herzer tinha com seus tios, juntamente com o recorrente uso das drogas recreativas e o abuso das bebidas alcoólicas, culminou com a sua ida para a Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor de São Paulo (FEBEM) em 1979, onde ficou internado por três anos, dos 14 aos 17.

4.2 FEBEM E VIOLÊNCIA CARCERÁRIA

A FEBEM era uma unidade responsável por atender adolescentes que cometeram algum tipo de ato infracional, ou que por algum motivo não eram aceitos mais na sociedade, funcionava como um regime de internação, muito parecido às chamadas “Instituições Totais” de Goffman (1988). Conforme o autor reitera, essas instituições são organizadas para proteger a sociedade contra perigos intencionais, sendo que, o bem-estar das pessoas, nelas isoladas, não são uma

preocupação. O autor pontua como essas instituições são mais “fechadas” que outras, pois:

Seu "fechamento" ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico - por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. (GOFFMAN, 1988, pg.16)

É interessante destacar essa parte pois, em toda sua narrativa, Herzer escreve repetidamente sobre espaços claustrofóbicos, celas, pátios, camburões, corredores estreitos, quartinho do castigo e diversos outros espaços amplamente povoados por corpos confinados e contidos socialmente, fazem parte de todo este cenário descrito em sua obra. Há diversas passagens que confirmam essa afirmação, como por exemplo: “Aquele era um quartinho pequeno, sem condições de suportar a quantidade de menores detidos e, pouco a pouco, esse número aumentava, sendo que junto com as meninas ficavam as crianças, incluindo recém-nascidos.” (HERZER, 1987, pg.43) e também

O quartinho foi trancado, estávamos em umas quinze menores e não havia espaço suficiente para todas; portanto, nos acomodamos como podíamos, nosso corpo doía, dificultando ainda mais um descanso pelas próximas duas horas. O cansaço e a dor tomaram conta de nós e adormecemos como que num pesadelo que não tinha mais fim. (HERZER, 1987, pg. 84).

Na unidade de internação as adolescentes eram tratadas de diversas formas violentas. Goffman, aponta como nas instituições totais o novato é tratado com humilhação, em uma tentativa de profanação do eu, “O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado” (GOFFMAN, 1988, pg. 24). O primeiro processo dessa mortificação acontece pela separação que a instituição coloca entre o mundo social e o do internato, ou seja, o isolamento total.

O segundo processo se dá pela perda dos bens individuais, que configuram uma grande parte do eu. Goffman (1988) indica que todos precisam de um “estojo de identidade”, e a falta de um bem próprio evoca uma desfiguração pessoal. Herzer descreve em umas das passagens como seus pertences foram apreendidos, e lhe deram apenas um pijama surrado e um par de chinelos. Ele narra uma cena muito particular que exemplifica sistematicamente o descrédito do eu “...relatar, apenas, não é o suficiente para que as pessoas possam sentir o quanto é constrangedora a visão de um local onde as pessoas são como objetos sem uso ... depositadas.” (HERZER, 1987, pg.46)

Outro ponto que Herzer sintetiza em sua obra é a da violência que ele e as demais adolescentes sofriam, em relação a esse tipo de punição, Caldeiras (2000) em seu livro “Cidade de muros” disserta sobre o fato de que a aceitação das formas dolorosas de punições se dão pelo fato de haver um ideal de vingança a corpos dissidentes, onde a punição e a dor são instrumentos

de criar a ordem. Nas entrevistas com moradores da cidade de São Paulo entre os anos de 1980 e 1990, Caldeira observa uma forte adesão dos entrevistados a essa associação entre direitos humanos e privilégios de criminosos, onde há uma aceitação e apoio por formas mais dolorosas de punição ao crime.

Caldeira chama a atenção para a naturalidade com que se aceita, no Brasil, a punição física, defendendo-se o caráter pedagógico da dor, especialmente para pessoas que, perante as instituições de poder, são classificadas como sujeitos incapazes de aprender. Ou seja, para aqueles que não compreenderiam qualquer outra linguagem além da violência. A dor é utilizada pelas autoridades para corrigir o caráter, melhorar o comportamento ou produzir a submissão desses corpos dominados.

Foucault (1997) sugere que as correções de caráter disciplinar dentro do presídio acontecem de forma segregada entre valores analisados como de bem ou de mal, seguindo a ideologia e valores culturais da sociedade burguesa, com o objetivo de realizar a normalização. Essa disciplina também se reflete em corpos dissidentes, que não seguem um padrão de cisgeneridade, como vemos tantas vezes nas obras de Herzer, onde a punição é usada em uma tentativa de “correção” de seus comportamentos, pois, “a prisão não corrige; ela chama incessantemente os mesmos; ela constitui, pouco a pouco, uma população marginalizada, utilizada para fazer pressão sobre as “irregularidades” ou os “ilegalismos” que não se pode tolerar” (FOUCAULT, 1997, pg.43)

Herzer exemplifica essas situações em diversos trechos, como quando ele diz que possuía mais pelos que os demais “machões⁸, motivo pelo qual já tivera que ir para a sala do diretor diversas vezes e após ele ver sua perna com pelos a pressão em cima dele aumentou, o que ele respondeu “ Eu, francamente, não me preocupava muito, pois eu havia assumido e dizia a qualquer um que eu não cederia às pressões como espancamento, ou outros tipos de castigos” (HERZER, 1987, pg.69). Ou seja, dentro da FEBEM era usado a violência para “corrigir” o que se entendia como desvio, um comportamento incomum, que era o fato de Herzer se comportar como um menino.

Para Caldeira a aceitação do uso da dor e da violência como punição são manifestações do que a autora chama de corpo incircunscrito, que por sua vez está associado a violência e a deslegitimação dos direitos civis no Brasil. Dessa forma, quando o corpo do criminoso é incircunscrito, ele se torna um corpo manipulável disponível a castigos dolorosos. “No Brasil,

⁸ Apelido dado às meninas que se vestiam como meninos, ou possuíam características masculinas.

onde o sistema judiciário é publicamente desacreditado, o corpo (e a pessoa) em geral não é protegido por um conjunto de direitos que o circunscreveriam, no sentido de estabelecer barreiras e limites à interferência ou abuso de outros.” (CALDEIRA, 2000, pg.370)

A concepção de corpo incircunscrito e sua relação com a falta dos direitos civis dentro da realidade da FEBEM que Herzer descreve é um ponto fundamental de se observar, principalmente pelo fato do autor enfatizar a desumanidade do tratamento que se é dado dentro da instituição, problematizando o paradoxo retribuição/reinserção social de uma forma que, apesar da distância da temporalidade transcorrida, permanece atual. Nas palavras de Anderson “Se até os animais têm quem lute por eles, onde ficam os direitos humanos, um mínimo de direito humano, em casos como o dessas menores” (HERZER, 1987, pg.90)

4.3 UM CORPO EM CAMPO DE BATALHA

É na FEBEM que Herzer encontrará espaço para vivenciar sua sexualidade, compreender melhor sua identidade e as subjetividades de seu gênero, em um espaço onde todas as manifestações de afeto eram reprimidas e todas as demonstrações de personalidade e de identidade eram contidas violentamente. Onde os dias passavam lentamente, Anderson teve a chance de refletir sobre si mesmo:

Nos dias que vieram a seguir, tive condições para perceber melhor as coisas que antes haviam me passado despercebidas. Uma noite, por exemplo, estava sentada no pátio, quando meus olhos depararam com o ato amoroso de duas meninas, que se beijavam e se abraçavam carinhosamente; fiquei olhando até que alguém as alertou de que o inspetor se aproximava. Elas se separaram imediatamente. E eu fiquei pensando, recordando o jeito como uma delas se trajava, forçando um tipo masculino, embora tivesse gestos muito femininos: seu modo de andar, seu corpo. Era uma garota que mais tarde eu vim a conhecer como sendo “um dos machos” da unidade. Havia diversas iguais a ela, sendo que algumas tinham um tipo mais masculino. Aquilo não me assustou, embora eu não soubesse de tal existência. De outro lado, sempre desde minha infância, eu tive jeito de menino, chegando inclusive, numa festa familiar, a ser confundido com um garoto. Dentro de mim tinha um grande desejo de ter nascido menino. Portanto, para mim, pelo modo de agir, foi uma grande descoberta saber que para se ter uma mulher, para se vestir como um homem, não seria necessário ser um. (HERZER, 1987, pg.55 e 56)

Nesse trecho é interessante compreender de que forma Herzer entendia os padrões normativos de feminino e masculino, assim como ele observa uma ambiguidade nas meninas, que fugia dos padrões cisnormativos e heterossexuais, onde não havia espaço para o ambíguo, assim como a surpresa que ele demonstra ao constatar que para estar com uma mulher, e poder se vestir como homem, não necessariamente precisava ser um. Ele entende melhor sobre esses carinhos furtivos com Rosana, uma das poucas pessoas citadas em sua obra, e a primeira mulher

que Herzer teve experiências amorosas.

A partir daí ele ficou conhecido como Bigode, apelido que o acompanhou por toda sua estadia na FEBEM, mas que também foi o responsável por inúmeras agressões transfóbicas de funcionário da instituição, e que irão se perpetuar durante toda sua narrativa. Aqui gostaríamos de ressaltar que Herzer em momento algum relata ser um Homem trans, provavelmente pela falta de material onde se apoiar, e disseminação de informação, o termo trans não é citado em nenhum momento.

Entretanto, quando olhamos para os parâmetros de hoje, é possível considerar que Herzer era um homem trans, e o mais importante, fica claro em sua narrativa de que ele claramente não é uma mulher cisgênera desfeminizada, até porque o autor se coloca como um menino o tempo todo, usando pronomes masculinos e até mesmo escolhendo um nome social para usar. Apesar de não haver menção à transexualidade, toda a violência sofrida por herzer dentro da FEBEM, está vinculada ao fato de que ele não segue o padrão hetero e cisnormativo de gênero.

Há também o fato dele ser ridicularizado o tempo inteiro por não ter “bolas”, algo que até o autor ironiza; “ como seria o mundo se todos os homens trouxessem sua virtude, seu caráter no formato de duas bolas” (HERZER, 1987, pg.115). O diretor da unidade era uma das pessoas que mais violentavam psicologicamente Anderson, e afirmava o tempo inteiro o fato do homem da casa ser ele, que tem bolas, e não Herzer.

Tedesco (2021), fala sobre como o mito do “homem de verdade” ser algo fabricado pela cisnormatividade, e como esse é sempre caracterizado por uma virilidade pautada em condutas violentas e sempre contraponto características femininas, o que é um ótimo exemplo de tudo que o diretor da FEBEM representava naquele contexto, e Herzer, mesmo sem questionar claramente esses papéis de gênero, se coloca o tempo inteiro contra tudo aquilo que o diretor retrata. O diretor tenta o tempo inteiro reafirmar seu poder sobre Herzer, como ele mesmo retrata:

Era inútil tentar um diálogo com ele pois ele não me aceitava tal qual eu era, ele queria que eu fosse como as outras meninas, que usasse roupas diferentes, até que chegou ao ponto da estória tão conhecida na vila maria. O diretor queria, de qualquer modo, que eu raspasse as pernas e usasse vestido, isso sem contar as humilhações que ele me fazia passar perante todas, com palavras de baixo calão, como por exemplo, uma frase muito comum com a qual ele se dirigia a mim: Machão sem saco, machão sou eu que tenho duas bolas. (HERZER,1987, pg.75-76)

As reações do diretor reforçam a ideia de um homem original, reafirmando seu lugar de autoridade e de “homem real” através da violência, isso se respalda no que Tedesco descreve, a luz de Butler, como um originalidade fabricada pela cisheteronormatividade, ou seja:

Há comportamentos e características que se tornaram práticas de produção de si de

masculinidades provenientes de uma matriz cisheterossexual que continuamente fabricam tal originalidade - alimentando o mito do “homem de verdade” junto com a concepção de “homem ideal” (TEDESCO, 2021, pg.118)

Dentro da realidade que Herzer tinha que passar dentro da FEBEM, ele era constantemente colocado como um homem “falso”. Apesar de Anderson não se reivindicar como Homem, ele também não se intimida com todos os xingamentos dos inspetores da FEBEM, ele persevera e se recusa a acreditar que tem algo de errado com ele, mesmo tendo sido constantemente chamado de louco.

Em sua vivência, Herzer demonstra que há mais de uma maneira de construir o masculino e não é necessário ter “bolas”; só de haver um conjunto de características que, para ele, são fundamentais a um homem já é o suficiente para fazê-lo afirmar sua identidade masculina, subvertendo o genitalismo, e quebrando com a ideia do que um “homem de verdade” precisa ser.

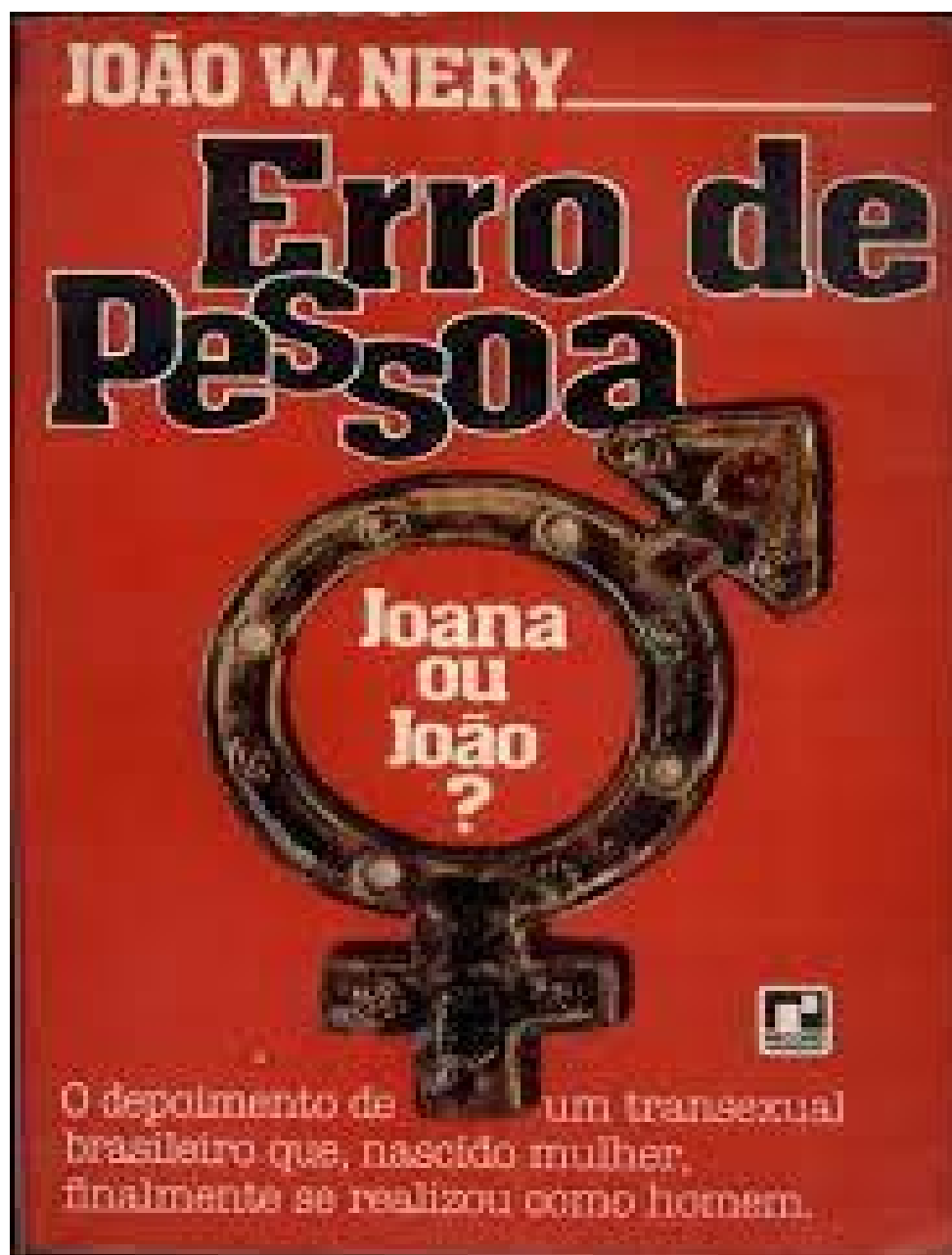
Podemos citar aqui, o que Preciado (2002) coloca como a construção do gênero contrasexual, onde os corpos não se reconhecem como homem ou mulher, mas como corpos que interagem e se comunicam uns com os outros, onde a sociedade contrasexual procura maneiras para desconstruir a naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero. Assim como Herzer, que mesmo sem pensar sobre, não se deixava ser ensinado a ser homem, ou explicitamente em seu caso, apanhar até aprender o que era ser homem. Ele era o Anderson e pronto. Preciado descreve a constrasexualidade como

uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade. Ela define a sexualidade como tecnologia, e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados "homem", "mulher", "homossexual", "heterossexual", "transsexual", bem como suas práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques ... (PRECIADO, 2004, pg. 22)

Apesar de não rejeitar a ideia de que o gênero é construído socialmente, reitera que ele também se constitui como mecanismos e estratégias de um sistema tecnológico mais amplo, diferenciando sexo e gênero que costumam ser julgados como produto de explicações essencialistas e biológicas da heteronormatividade, Preciado coloca o sexo, o gênero e a sexualidade como resultados de dispositivos inscritos em um sistema tecnológico e sociopolítico complexo.

A transmasculinidade expressa por Herzer deixa explícito a flexibilidade do gênero ao subverter a noção de masculinidade, deixando claro que o genitalismo é desnecessário ao reivindicar uma identidade masculina. Em toda sua jornada, de Sandra para Anderson/Bigode, Herzer preferiu viver conforme seus desejos ao invés de condenar seu próprio corpo e expressão de gênero. O que mostra que, mesmo dentro de um regime de violência onde tudo conspira

contra a sua identidade, é possível viver e se entender fora do regime cisnormativo, rompendo com concepções médicas que defendem a ideia de só haver um jeito “certo” de ser trans.



(Capa do livro Erro de pessoa: João ou Joana? de João Nery)

5. JOÃO OU JOANA, VIDA DUPLA E SENTIMENTO DE NÃO PERTENCIMENTO.

Em 1984, enquanto o Brasil passava pelo começo da redemocratização depois de uma extensa ditadura militar (1964-1985), João W. Nery publicou sua primeira autobiografia. Entretanto a liberdade de expressão ainda era seriamente comprometida, o que refletia nas obras que eram publicadas. É diante desse cenário que seu livro *Erro de pessoa: joana ou joão* é publicado, através de um pseudônimo criado para esse fim, como aponta o autor logo nas primeiras notas da obra:

Atualmente apenas uma dúzia de países, entre os mais desenvolvidos, aprovam essas operações, respeitam o transexual e reconhecendo a sua consequente mudança de identidade sexual. Em decorrência, usei pseudônimo para assinar a obra, assim como os nomes e alguns dados dos personagens fictícios (NERY, 1984, pg.7)

O contexto vigente dentro da realidade brasileira na época, impediu que o autor aparecesse diante das câmeras na divulgação de seu primeiro livro, como aponta João Nery na segunda versão da obra, publicada em 2011 com o título de *Viagem Solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois*. Há um óbvio contraste dentro do cenário político nacional nos diferentes períodos de cada publicação, o que pesa como fator de distinção entre as duas obras, principalmente pelo fato que em seu segundo livro se percebe uma maior recepção acerca das temáticas relacionadas a gênero e sexualidade dentro da sociedade brasileira. As discussões de gênero também sofisticaram dentro do âmbito acadêmico, ressignificando e atualizado diversos conceitos, o que faz com que alguns termos soem agressivos e ultrapassados na primeira obra e não se desenhem da mesma forma na segunda. Também há o fato de que o autor na publicação de 2011 já era uma figura conhecida dentro da comunidade LGBT, o que pode justificar o maior cuidado com os termos mobilizados na segunda obra.

Por fim, no que diz respeito ao conteúdo, *Viagem Solitária* cobre um espaço de tempo maior na vida de João, já que *Erro de Pessoa* termina com as narrativas das cirurgias. Entretanto, para a execução deste trabalho, será usado de uma forma mais recorrente sua primeira obra, tendo em vista que o livro de Anderson Herzer foi escrito durante um período próximo. A fim de comparação entre essas duas realidades, optamos por focar nos livros que se passam em temporalidades próximas.

Nascido no Rio de Janeiro em fevereiro de 1950, onde viveu até os 27 anos pelo nome de joana⁹, João Nery é considerado por muitos como o primeiro transexual masculino a realizar as cirurgias de redesignação sexual dentro do território brasileiro, o que acarretou na fama de ser

⁹ Provavelmente também um pseudônimo.

chamado como o primeiro homem trans por muitos, e ao afirmar que até a publicação de sua obra não conheceu pessoa que tivesse passado por cirurgias iguais a sua, o autor acaba por demonstrar o quanto as técnicas cirúrgicas da transição de FtM (*Female to Male*), eram experimentais e a maioria dos resultados insatisfatórios, problema esse que ainda persiste atualmente, as cirurgias de João foram realizadas em 1977, vinte anos antes delas serem sequer legalizadas no Brasil.

A legalização desses procedimentos, para as pessoas transexuais, ocorreu inicialmente no sistema público, em 1997, através da Resolução do Conselho Federal de Medicina nº 1.482¹⁰, foi aprovado o parecer e proposta de resolução PC/CFM nº 39/97, em que reconheceu-se a transexualidade como condição de inaceitável convivência com o sexo genético e provocador de grave constrangimento e propondo a adoção da cirurgia experimental. Somente no ano de 2002 a resolução CFM nº 1.482/97 foi revista, e em seu lugar foi implementada a resolução 1482/2002¹¹, que retirava do procedimento de transgenitalização¹² do tipo neocolpovulvoplastia¹³ o caráter experimental e, preservando como experimental a cirurgia do tipo neofaloplastia¹⁴.

A Resolução CFM nº. 1428/97 foi o primeiro reconhecimento de uma necessidade de organização de um serviço em saúde para as pessoas transexuais, A Resolução CFM nº1 652/2002 revogou a Resolução nº. 1428/97, e manteve no texto a afirmativa de reconhecimento da pessoa transexual como portador de desvio psicológico permanente de identidade sexual, com rejeição do fenótipo e tendência à automutilação e ou auto-extermínio. Cabe ao processo cirúrgico sua importância para o tratamento de pacientes com transexualismo, considerando desta forma, a transexualidade como um fenômeno patológico, necessitando de tratamento especializado e reafirma a cirurgia como principal, senão único, tratamento a ser oferecido.

Essa resolução, por sua vez, foi substituída pela Resolução 1955/2010¹⁵ publicada no Diário Oficial da União no dia 3 de setembro de 2010. A resolução em vigor atualmente é a CFM nº 2265/2019¹⁶, que propõe uma atenção integral a saúde do transgênero, a fim de contemplar todas as suas necessidades, garantindo seu acesso, sem qualquer tipo de

¹⁰ Disponível em: <https://sistemas.cfm.org.br/normas/arquivos/resolucoes/BR/1997/1482_1997.pdf> Acesso em 11 de maio de 2024

¹¹ Disponível em: <https://sistemas.cfm.org.br/normas/arquivos/resolucoes/BR/2002/1652_2002.pdf> Acesso em 11 de maio de 2024

¹² Cirurgia de transformação da genitália feminina ou masculina

¹³ Procedimento cirúrgico de mudança do sexo masculino para o feminino; constituição de uma neovagina

¹⁴ Procedimento cirúrgico de mudança do sexo feminino para o masculino; constituição de um pênis. Procedimento ainda considerado como experimental, devido a sua complexidade.

¹⁵ <<https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/2010/1955>> Acesso em 11 de maio de 2024

¹⁶ <<https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/2019/2265>> Acesso em 11 de maio de 2024

discriminação, aos serviços nos níveis de atenção básica, especializada e de urgência e emergência.

Nessas primeiras resoluções, as pessoas transexuais eram classificadas como portadoras de transtornos mentais, onde, para serem consideradas “verdadeiros transexuais” precisavam convencer uma equipe de especialistas que não possuíam outros transtornos e que este desconforto com o sexo anatômico além de persistente teve sua origem na infância.

Dentro do sistema de saúde pública, o acesso à cirurgia só passou a ocorrer depois de agosto de 2008, quando foi publicada a Portaria nº 457¹⁷, do Ministério da Saúde, a qual aprovou a Regulamentação do Processo Transexualizador no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS. Flávia Teixeira (2009) problematizou as Portarias de 2008 do Ministério da Saúde. Posteriormente, em Novembro de 2013, o Ministério da Saúde, por meio da Portaria nº 2.803¹⁸, ampliou o processo transexualizador no SUS, aumentando o número de procedimentos ambulatoriais e hospitalares e incluindo procedimentos para redesignação sexual de mulher para homem.

Ressaltando a Portaria nº 707 GM/MS¹⁹ que instituiu o Processo Transexualizador no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) e a Portaria nº 457/SAS que aprova a regulamentação do Processo Transexualizador no âmbito do SUS, analisando as considerações do texto e apontando suas falhas, como por exemplo, a recuperação das Resoluções do CFM (Conselho Federal de Medicina) quanto ao conceito de transexualismo e a nomeação da cirurgia como transgenitalismo; que de acordo com a autora, só reforça o poder do saber médico e a força de lei do CFM na elaboração das Portarias:

A ameaça de não ser considerada apta a ingressar no Processo Transexualizador mantém a pessoa (transexual) amarrada ao poder médico, perpetua o lugar de vulnerabilidade diante da equipe que estará apta a dizer sobre ela e (re)afirma a necessidade de “passar pela prova, pelo teste” (TEIXEIRA, 2009, pg.213)

Os critérios utilizados para “afirmar” a transexualidade do indivíduo acabam por criar uma ideia falsa de que as pessoas trans deveriam ser de um determinado jeito e seguir certas especificações criadas pela CFM. Em sua narrativas Nery relata as experiências perante a rejeição de seu sexo biológico e os signos que representam a feminilidade, e por experiências sociais que variam tanto do sexismo quanto da homofobia que decorrem dessa rejeição, desde a

¹⁷ <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2008/prt0457_19_08_2008.html> Acesso em 11 de maio de 2024

¹⁸ <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html> Acesso em 11 de maio de 2024

¹⁹ <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707_18_08_2008.html> Acesso em 11 de maio de 2024

infância até a fase adulta, que são expostas através de recordações dos acontecimentos passados. O exemplo de João é essencial para entender como o “típico” transexual deveria ser, e como ele poderia ser reconhecido, se pensarmos nas resoluções das portarias que levaram a instaurar o processo transexualizador dentro do SUS.

Já na infância Nery relata desconforto em apresentar qualquer papel social relacionado ao feminino, evidenciando um estranhamento com tudo o que lhe era exigido, nessa época, de acordo com o autor, ele não conseguia compreender porque o tratavam como menina quando ele claramente não era uma.

Um ponto interessante a se atentar quando falamos sobre infância de uma pessoa transexual, é o fato de que, no caso de Nery, há uma perceptível preocupação na hora de assegurar, ou justificar sua identidade de gênero masculina. Sem questionar aqui a veracidade de suas recordações, é importante apontar que João acaba por recorrer a um discurso essencializador, ao menos no que diz respeito a como deveria ser o comportamento de um menino. Bento (2006), observa que há uma grande importância, dentro do discurso acerca da construção de uma pessoa transexual, como a sensação de desconforto durante a infância, que também aparece nos discursos de seus interlocutores:

Contar histórias é remeter-se ao passado; é pôr a memória em ação. A infância é lembrada como um período de permanente insatisfação e de aversão às roupas que eram obrigados/as a usar. Mas, como este ato de lembrar é realizado? A organização das lembranças funciona como um recurso para legitimar suas histórias de insatisfação com o gênero imposto. (BENTO, 2017, pg. 165)

Dessa maneira, é recorrente tanto nos discursos de João quanto nos discursos de outros indivíduos transexuais a ideia de que as memórias da infância são como um ponto de partida, onde sua “viagem” começa. Entretanto é de grande importância levarmos em consideração o fato de que, a maioria dos diagnósticos de transexualidade, está em grande medida, fundamentada nas memórias da infância, e ao utilizar essas lembranças como recurso, ao mesmo tempo que “retira a ideia de culpa [...] simultaneamente, legitima as performances de gênero a partir da essencialização da identidade”(Bento, 2017, pg.167).

É importante ter um certo cuidado ao falarmos sobre um tipo de essencialismo dentro da individualidade trans, replicando o que vai de acordo com a psicanálise e os discursos médicos, reduzindo essa realidade a um saber exclusivo de diagnóstico e avaliação. Não há de fato, um jeito certo de ser transexual. As memórias da infância podem estar intrinsecamente atravessadas por uma realidade que possui marcas estigmatizadas e marginalizadas, a questão não é duvidar de suas memórias, mas levar em consideração que, o quadro social que esses indivíduos estão

inseridos se tornam o modelo no qual as lembranças de sua infância serão elaboradas.

Walter Benjamin faz uma boa reflexão sobre o debate da memória em “A imagem de Proust” (1929), ao abordar a obra de Proust, a qual foi traduzida por Benjamin, ressaltando a relação entre o esquecimento e a memória, assim:

Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu. Porém, esse comentário ainda é difuso, e demasiadamente grosseiro. Pois o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento? A memória involuntária, de Proust, não está mais próxima do esquecimento do que daquilo que geralmente chamamos de reminiscência? (BENJAMIN, 1985, pg.37)

Logo no início podemos notar como o autor pensa a relação com o passado, não como algo exato como foi, mas como um passado lembrado no presente. Benjamin, ainda usando a obra de Proust como referência, observa a rememoração por caminhos diferentes de um raciocínio mecânico, ou seja, lembrar por lembrar. Entretanto, o autor alerta para o fato de que lembrar o passado exatamente como foi, além de impossível, não teria utilidade prática. É necessário haver um “tecido de rememoração”, onde há o esquecimento, uma vez que, se não se deve tudo lembrar, conseqüentemente, há de se esquecer.

Um conceito da obra de Proust, que Benjamin irá trazer é a da memória involuntária, onde ela existe sem que haja uma busca para encontrá-la. Essa memória involuntária, estaria mais ligada ao fato de esquecer do que de lembrar, ou como escreve Benjamin (1985), estaria mais relacionada à “reminiscência”, uma imagem do passado conservada na memória. Seria essa a memória que vem até nós.

A memória no presente para Benjamin, é “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é uma chave para o que veio antes e depois.”(BENJAMIN, 1985, pg.37). A ideia da memória retratada nesse ensaio possui um caráter involuntário, o acontecimento lembrado possui uma força, que o acontecimento vivido não tem mais, a memória do passado vem para o presente com a certeza de que não há uma lembrança total.

Ou seja, lembramos de coisas no passado com uma ótica de vista do presente, isso de forma alguma deslegitima suas memórias, mas é de extrema importância destacar que nem tudo que lembramos é inteiramente do jeito que se foi, há uma constante influência das narrativas do presente nas memórias do passado.

No caso de João Nery, a trajetória contada acerca das memórias de sua infância o fez ser uma criança retraída, o que acabou por interferir na sua personalidade, uma vez que,

compreensão não lhe era oferecido, pois sua família não entendia seus desejos que fugiam do universo feminino, o que acabou acarretando em um constrangimento relatado pelo autor:

Aos poucos fui sentindo vergonha do meu corpo. Não queria mais ficar nu diante de ninguém. Não era um constrangimento comum às crianças, mas como se eu tivesse um defeito físico, um aleijado. não só não trocava mais de roupa na frente das meninas, como também me envergonhava quando o inverso ocorria. (NERY, 1984, pg.26)

Nessa passagem fica explícito como Nery se sentia um indivíduo fora da sociedade, como o ser estigmatizado que Goffman descreve, o indivíduo estigmatizado não recebe o respeito por aqueles que possuem algum vínculo para com ele, não é reconhecido do jeito que ele esperava ser, porque foge do “normal” para os outros. Desse modo o estigmatizado ao reconhecer seu estigma pode tentar convertê-lo, seja de modo cirúrgico, físico ou social, pois “O indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação a maneira que os normais o identificarão e o receberão” (GOFFMAN, 1975, pg.23).

Esse desconforto de ser “descoberto” é retratado por Nery em várias partes de sua obra. O autor deixa claro a necessidade de ser reconhecido socialmente, sendo essa uma peça fundamental para o seu próprio auto-reconhecimento como homem, buscando sempre a imaginação para diminuir a distância da imagem que tinha de si mesmo e que os outros tinham dele. Ele aponta que “Devido a essa absurda defasagem entre minha auto-imagem e a que faziam de mim, descobri quase instintivamente, que na fantasia estaria a coerência e a gratificação de ser reconhecido.” (NERY, 1984, pg.29).

Entretanto, com o tempo, essa imaginação da infância já não era mais o suficiente, com a chegada da puberdade Nery se viu cada vez mais distante do ideal masculino. O crescimento dos seios, ao qual ele denomina “coisas” e “apêndices” e o seu período fértil ao qual ele se refere como “monstruação”, marcam pontos de extremo desconforto para o autor. Ele descreve como tentou buscar apoio em atividades físicas, e por um tempo até tentou “ser mulher”, o que resultou em diversas crises de solidão.

Nas passagens da obra que mais geram desconforto, como interlocutor deste trabalho e sendo também um homem trans, senti-me extremamente comovido com seus relatos sobre chegar ao fundo do poço, sentir-se um farsante e lidar com diversos pensamentos intrusivos, que são até difíceis de ler. Ao mesmo tempo, logo após o episódio de autodepreciação, é gratificante ver que Nery não desistiu. A partir desse momento, todas as suas experiências culminam na decisão de reivindicar a identidade masculina que por tanto tempo lhe foi negada. João foi capaz de dizer a si mesmo o que muitos precisavam ouvir, mas não tiveram a mesma sorte.

Virar homem, como você quer, não dá. Mas você não deixará morrer assim. Tem que

ficar vivo, sadio, para poder usufruir dos benefícios que a evolução da ciência lhe proporcionará. Enquanto esse dia não chegar, poupe-se! Brinque com o seu defeito, com a inversão. Fale deles em voz alta. Desfaça o monstro! (NERY, 1984, pg. 53)

João encontrava-se disposto a passar por todos os procedimentos cirúrgicos disponíveis em sua época, mesmo que fossem experimentais, independente que para isso se transformasse em uma cobaia da ciência, como o mesmo se refere a essa experiência. Entretanto na jornada até a mesa de cirurgia além de longa foi cansativa, ele realizou uma histerectomia (retirada do útero), uma mastectomia masculinizadora, (retirada de mamas) e outras, entretanto escolheu não fazer uma faloplastia O que é um fato muito interessante, tendo em vista que o falocentrismo é uma importante ferramenta na estrutura do poder da masculinidade hegemônica heteronormativa.

6. O FENÔMENO TRANSEXUAL

A questão da transexualidade aparece no início do século XX, quando a medicina começa a se interessar e interferir no debate acerca da sexualidade, Magnus Hirschfeld, sexólogo, é o primeiro a usar o termo travesti em 1910 (*apud* LEITE Jr., 2011), para descrever aqueles que ocasionalmente usavam roupas do sexo oposto, assim que se consolidou o “travestismo” como categoria clínica. Hirschfeld foi muito importante no pioneirismo na luta pelo direito de pessoas trans, pois ele teve a atenção de pontuar que essa condição ocorreria independente da orientação sexual do sujeito (*apud* LEITE Jr., 2011).

As fundamentações teóricas das políticas de saúde para a comunidade trans são iniciadas na década de 1960, com a publicação de “O fenômeno transexual” (1966) pelo endocrinologista e sexólogo alemão Harry Benjamin, é através das indicações de Benjamin, que os passos para se descobrir o “verdadeiro transexual” são estabelecidos, e esse esforço só se deu por causa da necessidade do corpo médico separar o transexual do homossexual, é a partir das proposições de Benjamin que é criada a “Associação Harry Benjamin de Desordem de Identidade de Gênero” (HBI-GDA, sigla em inglês), que passa a normatizar o “tratamento” (BENTO, 2017).

Benjamin é a primeira referência conceitual sobre o fenômeno da transexualidade, pois foi o pioneiro em classificar a transexualidade, dando-lhe as especificidades de um objeto próprio no campo das patologias sexuais, definindo a especificidades da transexualidade em oposição ao hermafroditismo, à homossexualidade e ao transvestitismo, estabelecendo uma tipologia gradativa que ia do pseudo transexual ao transexual verdadeiro.

Essas abordagens patologizantes que a medicina infringiu durante muito tempo,

evidencia como o indivíduo transexual é estudado e colocado constantemente em cima de um padrão cisgênero, que diferencia o homem da mulher, padrões esses que, como vemos em Nery, acabam sendo buscados por pessoas trans como forma de reafirmar o reconhecimento social. As cirurgias para Nery, assim como para os sujeitos presentes na pesquisa de Ávila (2014), são formas de alcançarem o autoconhecimento, mas também o reconhecimento dos outros em suas esferas sociais, além de que, eles demonstram uma grande aversão à identidade feminina.

Ávila (2014) pontua como há um processo de convencimento para realizar as cirurgias, de provar que são transexuais “verdadeiros”, onde ela aponta dois critérios importante para essa classificação, o da sexualidade, onde os indivíduos teriam que ser homossexuais, que mais tarde viriam a ser heterossexuais, e uma aversão a sua genitália, que acontece nos relatos de Nery, onde o mesmo salienta diversas vezes o fato de não ter um pênis.

7. MASCULINIDADE E TRANSFORMAÇÃO

Segundo as formulações de R. Connell (1995) acerca da temática da masculinidade, toda cultura tem certas definições de condutas e comportamentos que são apropriadas para os homens. Essa noção de masculinidade hegemônica não é um fenômeno que atinge somente homens e mulheres cis, ao se tornar um modelo a ser seguido, ela proporciona inevitavelmente o aparecimento de masculinidades distintas, como na experiência transexual. Para a autora, as masculinidades são construídas no âmbito social; desse modo, a maioria dos homens internaliza o papel social que lhes dita como devem agir e sentir, distanciando-os do comportamento e dos interesses tidos como “femininos”

Connell (1995) também argumenta que diferentes masculinidades são construídas em diferentes contextos sociais, onde, por vezes, a masculinidade se caracteriza como capital simbólico. As relações de gênero incluem tanto as interações entre homens quanto a interação com mulheres, podendo ser pautadas na dominação, marginalização e cumplicidade. Connell (1995) descreve diversas formas pelas quais a masculinidade está em constante mudança, seja pelo resultado da globalização, da militarização ou simplesmente pelo contato com outras masculinidades. Não há uma forma correta ou única de ser masculino; não se trata de um molde já inserido em uma criança desde o seu nascimento. Ela pontua que:

Isso sugere que devemos pensar na construção da masculinidade como um projeto (no sentido de Sartre) perseguido ao longo de um período de muitos anos e através de muitas voltas e reviravoltas. Esses projetos envolvem encontros complexos com instituições (tais como escolas e mercados de trabalho) e com forças culturais (tais como a comunicação de massa, a religião e o feminismo). (CONNELL, 1995, pg.190)

Ou seja, apesar de, na experiência transexual, ainda existir a relação hierárquica da sociedade em relação aos modelos masculinos, que supervalorizam o biológico e aceitam como homens apenas aqueles que nasceram assim e são considerados “homens de verdade”, não há, de fato, uma noção única do que é ser homem. Podemos comparar isso com a famosa frase de Simone de Beauvoir, onde ela afirma que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, pg. 9). O ser humano não tem uma identidade definida ao nascer; também não se nasce homem; é através da vivência com as instituições e os processos sociais e culturais que se torna um.

Todavia, em diversos casos, como descrito por Guilherme Almeida (2012), é normal que vários indivíduos optem por esconder sua identidade de gênero masculina por medo de represálias em relação a todo o seu ciclo social. Isso ocorre também com os homens transexuais entrevistados por Bento (2006), que, inclusive, mantinham suas identidades escondidas de suas parceiras ou mantinham relações sexuais com outros homens como forma de manipular essa informação estigmatizante (GOFFMAN, 1975). O mesmo ocorre com Nery, que, apesar de se ver como homem desde a infância, acaba cedendo à pressão familiar e social e tenta “ser mulher”, incentivado por sua irmã, que no livro aparece como Leila.

Ao abraçar as pressões sociais em uma tentativa frustrada de desempenhar um papel que não lhe cabia, Nery, por um momento, rejeitou seus desejos e sentimentos na busca por um símbolo que pudesse substituir o estigma que carregava. Segundo ele, isso justificou sua atitude, que, de forma real ou ilusória, pretendia quebrar sua imagem, questionando a validade da sua identidade virtual. Goffman (1975) trata dessa ideia de identidade virtual, pois, de acordo com o autor, há tanto uma identidade real quanto uma imaginária. A primeira se refere a um conjunto de atributos que o sujeito prova ter, enquanto a segunda é aquilo que o sujeito demonstra para o outro. Podemos afirmar, então, que é a partir dos estereótipos construídos pelos “normais” que as particularidades de um indivíduo passam a ser estigmatizantes.

Os papéis sociais que Nery estava disposto a seguir foram invertidos quando teve um relacionamento com uma mulher. Atrelado à sua aparência mais masculina, conseguiu construir ao seu redor toda uma “fachada social” (GOFFMAN, 1975) através de ações representativas e até ritualísticas do que seria masculino. Assim, sentia-se no direito de seguir certos códigos culturais, como ser cavalheiro, abrir a porta do carro e pagar a conta, tudo aquilo que está atrelado aos estereótipos da figura masculina. Mesmo sabendo do conservadorismo dessas ações, João expressava a necessidade de ser visto e reconhecido como homem, o que Goffman

denomina como “rituais de interação”, que nada mais é do que a necessidade de seguir padrões comportamentais já consolidados.

Outra forma de classificação da experiência transexual, além de um estigma, é a de desviante (Becker, 2008), que, assim como o estigma, é forjada a partir da experiência de vida social dos indivíduos, cujo processo de rotulação é delimitado por determinados grupos sociais. O antropólogo Gilberto Velho (1985), um importante pensador da noção de desvio no nosso contexto, afirma que:

O “desviante” dentro da minha perspectiva é um indivíduo que não está fora de sua cultura mas que faz uma “leitura” divergente. Ele poderá estar sozinho (um desviante secreto?) ou fazer parte de uma minoria organizada. Ele não será sempre desviante. Existem áreas de comportamento em que agirá como qualquer cidadão “normal”. Mas em outras áreas divergirá, com seu comportamento, dos valores dominantes. (VELHO, 1985, pg.27-28)

Desse modo, a experiência transexual masculina, apesar de ser considerada estigmatizada ou um desvio, não deve necessariamente ser encarada como uma experiência contra a hegemonia. Ou seja, no processo de construção de si, esses indivíduos podem, inseridos no modelo hegemônico patriarcal, acabar reproduzindo modelos masculinos e estereótipos que reforçam a desigualdade e a assimetria de gênero.

No caso de Nery, durante o relacionamento com sua segunda companheira, Mercedes, ele assumiu uma identidade totalmente masculina, desempenhando papéis culturalmente vinculados aos homens e escondendo os seios para passar despercebido em sua esfera social. Mesmo que isso fosse muitas vezes desconfortável e exigisse constante atenção em relação aos outros, era minimamente reconfortante.

Embora recorrentemente se sentisse vivendo duas identidades, pois, como homem, não poderia ir a diversos lugares públicos, usar mictórios ou até mesmo engravidar alguém, sua descrição deixa explícita a concepção que tinha de cada gênero e o que era esperado de cada um. Isso permeia toda a narrativa, mostrando claramente a influência das expectativas da época em relação a esses papéis sociais e de gênero. Tanto que, quando passou a morar com Mercedes, João assumiu o papel de responsável pelo sustento dos dois, enquanto ela ficou com as funções domésticas.

Esses papéis eram reforçados até mesmo nos momentos mais íntimos: durante a lua de mel com Mercedes, João relata extremo desconforto ao participar dessa primeira oportunidade, pois, dentro da relação com sua amada, ele era o homem, e na hora do envolvimento sexual, teoricamente, não conseguiria cumprir seu papel. Tanto que precisou embriagar-se para realizar o

ato sexual. Entretanto, vale ressaltar que a problemática colocada por Nery dentro desse contexto não era necessariamente sobre seu órgão sexual. O maior impasse para estar sexualmente presente com sua amada era o medo de ser interpretado como uma mulher, o que o autor deixa claro no trecho:

Faltava-me estrutura emocional para mencionar palavras como seio, vagina ou clitóris, que pudessem se referir a mim. Era como se, falando, reforçasse no outro, auditivamente, coisas que eu fazia questão de que esquecesse, preferivelmente nem percebesse em mim. (NERY, 1984, pg. 75)

É compreensível o desconforto em se envolver afetivo-sexualmente diante de uma questão social em que sua conformação corporal não o autoriza a ser classificado como homem. O medo está em ser reclassificado como pertencente ao gênero feminino por sua parceira íntima, que compreende o gênero não como uma identificação de si, mas relacionado às funções biológicas. O próprio Nery afirma em outro trabalho que “para a maioria dos transhomens, o corpo parece ser um obstáculo, ao invés de um instrumento para a sedução, aumentando o sofrimento” (Nery & Maranhão Filho, 2017, pg. 296), principalmente quando o relacionamento em questão ocorre entre pessoas cis-trans²⁰.

Em *Viagem Solitária* (2019), João explora mais a fundo essa grande insegurança, onde sua namorada poderia não enxergá-lo de fato como um homem. Ele relata como andar “peito nu” fez bem para sua autoimagem, o que ocorreu quando ele e Mercedes, sua namorada na época, passaram um tempo na casa de sua irmã, que estava nos Estados Unidos estudando. Esse fortalecimento da autoimagem o levou a tentar desenvolver outros métodos para “suprir as deficiências como macho” (Nery, 2019, pg. 98), onde o lúdico e a imaginação desempenhavam um papel fundamental no momento das relações sexuais com sua parceira. Entretanto, toda essa aura lúdica que João construiu foi destruída quando recebeu a notícia de que sua parceira nunca havia chegado ao orgasmo.

Seu relacionamento com Mercedes durou seis anos. Um dos fatores que parece ter deixado João desiludido e desolado, além do fato de sua parceira não ter chegado ao orgasmo diversas vezes durante as relações sexuais, foi o fato de ela ter experimentado com um homem cis durante o relacionamento. Ele descreve ter se sentido não só traído, mas inferiorizado (Nery, 2019), especialmente pelo fato de que ela vivenciou algo — um falo — que João não podia proporcionar, mesmo querendo. Isso, em sua mente, era motivo para ele se sentir impotente.

De acordo com Lomando (2014), a sexualidade nos relacionamentos cis-trans é permeada por muitas negociações, descobertas e mudanças relacionais. Quando levamos em conta que o

²⁰ Termo usado para representar o relacionamento entre pessoas cisgêneras e transgêneras

indivíduo cis não compreende inteiramente as angústias que uma pessoa trans pode ter em relação ao seu corpo, a forma como João reage para performar um papel durante suas relações íntimas se torna mais compreensível.

8. PIONEIRISMO TRANS

João Nery passou por seu processo de transição em um contexto histórico muito específico. Dadas as circunstâncias e a época em que sua realização como homem ocorreu, assim como as datas de suas cirurgias, é possível situar sua trajetória como parte da primeira geração de transexuais brasileiros, ao menos no que diz respeito a conquistas e visibilidade. Também é importante analisar os diversos marcadores sociais presentes dentro deste contexto que permitiram que sua jornada de vida fosse possível.

Foi durante uma viagem pela Europa, em 1975, que João teve seu primeiro contato com a possibilidade de cirurgias que poderiam pôr fim ao seu desconforto em relação ao próprio corpo. Apesar de já ter realizado uma cirurgia de redução de mamas com o namorado de sua irmã, a percepção de que poderia fazer cirurgias que acabassem com seu “inferno pessoal” veio somente após encontrar, na França, uma revista científica cujo subtítulo incluía a palavra *sexualité*. A revista trazia relatos de cirurgias transgenitais realizadas com grande sucesso. Mesmo que os exemplos na revista fossem exclusivamente de transexuais masculinos — o que hoje entendemos como mulheres transexuais — foi o suficiente para acender em João uma chama de esperança de que seu caso poderia ter uma solução.

Ao retornar ao Brasil, a ideia de realizar as cirurgias não lhe saía mais da cabeça. Embora fossem ilegais em seu país, João afirma ter tentado se aprofundar no assunto, mas se sentia perdido sem saber por onde começar o processo. No entanto, teve uma pista ao conversar com uma amiga sexóloga que morava na Bélgica. Embora fosse contra sua transição e não entendesse seus motivos, ela o orientou a procurar um endocrinologista, chamado na obra de Porto, que fazia parte de uma equipe capaz de orientá-lo sobre o assunto.

O preço de ser pioneiro em sua jornada foi alto: João foi submetido a diversos testes e precisou pagar caro por hormônios, produzidos em laboratórios específicos. Esse é mais um exemplo da importância de sua classe social para possibilitar sua trajetória. Ele passou por vários profissionais, como psicólogos e psiquiatras, para obter o psicodiagnóstico necessário à continuidade de sua jornada.

É importante destacar que, apesar de ocupar uma posição social relativamente privilegiada, João não era um jovem rico. Ele recebeu muito apoio dos profissionais que o ajudaram, embora a relação fosse de mão dupla, uma vez que ele também servia de “cobaia viva” para seus experimentos. Vale ressaltar que, naquela época, pessoas que transitavam entre gêneros eram caracterizadas como doentes e patologizadas, tornando-se objetos exclusivos da medicina (Bento, 2008). Atualmente, a transexualidade é classificada como um transtorno de disforia de gênero²¹ no DSM-5 (Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais).

No DSM-5 os critérios usados para diagnosticar a disforia de gênero são:

A. Incongruência acentuada entre o gênero experimentado/expresso e o gênero designado de uma pessoa, com duração de pelo menos seis meses, manifestada por no mínimo dois dos seguintes:

1. Incongruência acentuada entre o gênero experimentado/expresso e as características sexuais primárias e/ou secundárias (ou, em adolescentes jovens, as características sexuais secundárias previstas).

2. Forte desejo de livrar-se das próprias características sexuais primárias e/ou secundárias em razão de incongruência acentuada com o gênero experimentado/expresso (ou, em adolescentes jovens, desejo de impedir o desenvolvimento das características sexuais secundárias previstas).

3. Forte desejo pelas características sexuais primárias e/ou secundárias do outro gênero.

4. Forte desejo de pertencer ao outro gênero (ou a algum gênero alternativo diferente do designado).

5. Forte desejo de ser tratado como o outro gênero (ou como algum gênero alternativo diferente do designado).

6. Forte convicção de ter os sentimentos e reações típicos do outro gênero (ou de algum gênero alternativo diferente do designado).

B. A condição está associada a sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. (APA, 2014, pg.452 a 453)

Há vários pontos a serem levados em consideração. O primeiro é a constante ideia de que pessoas trans precisam estar sempre sofrendo e desconfortáveis por estarem no “corpo errado”, necessitando de uma adequação. Butler descreve essa postura como equivocada, pois:

Pressupõe-se que haja um sentimento de adequação que as pessoas podem e devem ter, um sentimento de que este gênero é adequado para mim, adequado em mim. E que há um conforto que eu teria, poderia ter, e que poderia ser alcançado se eu me adequasse à norma. Num sentido importante, o diagnóstico assume que as normas de gênero são relativamente fixas e que o problema é assegurar que você encontre o que é certo, aquela norma que não fará você se sentir inadequada onde você está, confortável no gênero que é o seu. (BUTLER, 2009, pg.116-117)

²¹ Em dezembro de 2012, a Associação Americana de Psiquiatria (APA), difusora da expressão “transtorno de identidade de gênero” em revisão do Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM), se viu acuada a mudar a classificação da transexualidade como transtorno de identidade, por causa da crescente campanha do ativismo trans internacional expresso na campanha “Stop Trans pathologization”, substituindo o termo por “disforia de gênero”.

O diagnóstico pressupõe um sofrimento intenso que nem sempre está presente, servindo apenas para reafirmar a ideia de um “problema” patológico. Em outras palavras, essas definições não alteram o caráter de doença e estigmatização da transgeneridade, uma vez que ainda é necessário um diagnóstico psiquiátrico para a realização de cirurgias. O termo “disforia de gênero²²” foi utilizado para, de certa forma, mascarar a herança transfóbica e homofóbica que os DSMs anteriores deixavam mais evidentes. No final, a terminologia mudou, mas, na prática, as coisas continuam quase as mesmas: as sessões psiquiátricas ainda são igualmente necessárias.

A inovação desse consenso médico reside no reconhecimento de que os indivíduos diagnosticados como “disfóricos” precisam de mudanças cirúrgicas corporais, removendo da categoria de loucura aqueles que, como João Nery, afirmam ter “nascido no corpo errado”. Contudo, ainda é exigido um diagnóstico, seguindo as categorizações da medicina, como vemos no DSM-5, o que contribui para a perda de autonomia dos indivíduos transexuais nos processos de transição de gênero, que muitas vezes precisam provar que são de fato pessoas trans. Isso é evidenciado no caso de João, quando seu psicólogo afirma que:

—Vitório por tudo que estamos constatando até aqui, parece que João é um caso legítimo de transexualismo. Estive inclusive na semana passada, com o psiquiatra de nossa equipe que o está assistindo. Ele me disse que João vai indo muito bem, Confesso que a gente fica sempre meio receoso quando aparece um caso destes, principalmente por ser feminino, que é mais raro ainda. Hoje, entretanto, depois de todas as dificuldades que lhe apontei, das possíveis consequências sociais e psicoemocionais que discutimos, e de ver a coerência comportamental de João e a sua persistência em querer se operar, começo cada vez mais a acreditar nele. (NERY, 1984, pg.147)

João precisou se provar o tempo todo e depender exclusivamente da aprovação dos outros para realizar os procedimentos cirúrgicos que diziam respeito apenas a ele. Para autores como Ávila (2014), seria fundamental que o conceito de integralidade, que teoricamente considera as pessoas como um todo e atende a todas as suas necessidades, fosse efetivamente posto em prática. Isso inclui a integração de ações de promoção da saúde, prevenção de doenças, tratamento e a reabilitação²³ — um dos princípios fundamentais do SUS. Dessa forma, o acesso da população trans às cirurgias seria possível sem a exigência de um diagnóstico.

A compreensão acerca da transexualidade vem sendo tecida por teóricos das ciências sociais ao longo do tempo, em pesquisas e trabalhos etnográficos, para encontrar seus

²² O termo “disforia”, embora tenha uma maior aceitação dentro da comunidade trans, não despatologiza completamente a questão, como é o desejo da campanha “Stop Trans pathologization”, para mais informação acesse: <https://www.amnesty.org/en/documents/ior10/7293/2017/en/>.

²³ Informação disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sus#:~:text=Integralidade%3A%20este%20princ%C3%ADpio%20considera%20as,o%20tratamento%20e%20a%20reabilita%C3%A7%C3%A3o.>> Acesso em 07 de julho de 2024

significados contemporâneos. De acordo com Leite Jr., a discussão sobre a transição de gênero no Brasil teve início nos anos 1980, após o 'fenômeno Roberta Close', que representava uma particularidade muito significativa em relação à realidade de outras mulheres trans na sociedade brasileira. Diante disso, ele escreve que:

Inicia-se então uma discussão nacional via mídia e cultura de massas sobre o status social, conceitual e, conseqüentemente terminológico desta modelo e pessoas afins. Roberta Close era de Classe média, sem nenhum tipo de associação com o mundo da prostituição ou da marginalidade; as matérias de mídia sobre ela pareciam em revistas, jornais e programas de TV voltados para a parcela da população com bom poder aquisitivo e nas seções cultura, lazer ou colunas sociais, não nas paginas policiais entre criminosos e drogados. (LEITE Jr, 2011, pg.228).

Roberta Close, assim como João Nery, foram indivíduos que conseguiram mudar suas realidades dentro do contexto social brasileiro, em grande parte porque tinham um histórico privilegiado e apresentavam valores morais e estéticos que, de acordo com a época, correspondiam ao ideal de masculinidade e feminilidade. Ambos foram operados pelo mesmo cirurgião, Roberto Farina, o que facilitou suas transições. Além disso, elementos simbólicos também desempenharam um papel importante, como vimos no caso de João, quando seu psicólogo comenta com o cirurgião.

Ademais, é o primeiro que vem a mim apresentando um nível de instrução superior, e, como psicólogo, vejo uma possibilidade de ele nos trazer muitas contribuições. É uma pessoa de boa formação familiar, muito inteligente, e, acima de tudo, parece-me extremamente lúcido. (NERY, 1984, pg.147)

O reconhecimento desse grupo socialmente oprimido e estigmatizado evidencia que, conforme alertava Walter Benjamin (1987), o "estado de exceção" é a regra sob a qual essas pessoas desviantes construíram suas existências. O contexto social e econômico contribui significativamente para sua trajetória, que são marcadas por avanços, retrocessos e tensões, tanto internas quanto externas. A transgeneridade, por muito tempo, e ainda hoje, devido a diversos fatores socioeconômicos, representa uma luta para muitos e um privilégio para poucos.

É interessante ressaltar, como já mencionado em outras partes deste trabalho, que as discussões sociológicas sobre a transexualidade não se limitam a um ponto de vista exclusivamente psicológico ou médico. Bento (2008) resalta que a transexualidade deve ser analisada no contexto das relações de gênero, e não apenas focada nos indivíduos, “Sugiro que a transexualidade é uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero” (BENTO, 2008, pg.18).

A autora aponta que a transexualidade diverge das normas de gênero, que estão pautadas no “dimorfismo, na heterossexualidade e nas idealizações” (2008, pg 20), em que o “verdadeiro” transexual é categorizado a partir dos estereótipos de gênero que reproduz. Dessa forma, médicos

e profissionais de saúde só reconhecem o indivíduo como trans quando este reproduz nitidamente o que se espera da representação de seu gênero. Exemplos disso incluem o discurso sobre a infância e o sofrimento de ter nascido no “corpo errado”. Assim, homens devem ser másculos e masculinos, e mulheres, femininas e frágeis. A transgeneridade representa um perigo para as normas de gênero porque desafia a correspondência com o corpo sexuado, mesmo que ainda preserve os papéis de gênero existentes na sociedade.

Não discordamos de Bento quando ela afirma que a transexualidade constantemente questiona as normas de gênero e o discurso heteronormativo, pautado na “genitalização das identidades” (2008, pg. 77). Isso se torna evidente, especialmente quando consideramos que, desde a infância, muitos transexuais, como João, já contestavam os papéis de gênero que lhes eram atribuídos. No entanto, esse tipo de questionamento não é uma regra, e, mais importante ainda, mesmo aqueles que divergem das normas de gênero acabam por seguir essas mesmas normas, apenas no gênero oposto.

Esse conflito inicial, descrito por pessoas transexuais, não necessariamente persiste ao longo do tempo. À medida que esses indivíduos, dentro de suas próprias condições, constroem as bases físicas e sociais para serem reconhecidos no gênero que afirmam para si, o conflito pode se dissipar. Almeida e Murta reiteram que é possível que o conflito exista “mas ele não é necessariamente um conflito com as normas de gênero, mas sim com o *gênero que foi imposto e com a impossibilidade de trânsito identitário*” (ALMEIDA e MURTA, 2013, pg. 386).

Contudo, é importante ressaltar que isso não é uma regra e não pode ser generalizado. Existem pessoas transgêneras que tendem a criticar as assimetrias e hierarquias de gênero pautadas nas convenções heteronormativas, enquanto muitas outras vivem o restante de suas vidas conformadas dentro do binarismo de gênero. Não entraremos nessa discussão neste trabalho, que poderia envolver pessoas não binárias e a inadequação dos valores sociais e culturais relacionados ao binarismo de gênero. Porém, cabe destacar que a transgeneridade pode ou não estar delimitada pelas condições impostas de gênero na sociedade, mesmo que, ao final, ela nunca seja completamente aceita como algo “normal”.

No caso de João Nery, analisado neste estudo, o que parece predominar é a discordância em relação à imposição de gênero em detrimento de sua expressão como sujeito, e não uma discordância geral com as normas de gênero. Em diversas passagens, o autor demonstra estar consciente de que essas normas de gênero são, muitas vezes, artifícios para se “camuflar” e ser aceito socialmente como homem. Essa adaptação resultou, inclusive, em conflitos com sua

companheira da época, Dolores, o que culminou em um término, agravado pelo fato de ela não ser uma mulher dócil, “feita para entrega” (NERY, 1984, p. 64), o que o deixou confuso. Ele expressa essa confusão no trecho: “Paralelamente ao fato de querer defender uma posição igualitária para ambos os sexos, sem nenhum despotismo ou fragilidade, eu precisava também manipular esses artificios para deixar claro o que eu era” (NERY, 1984, p. 64). No final, o resultado esperado ocorreu, pois Dolores terminou com João, devido ao fato de ele não ser feminino o bastante, uma vez que ela preferia uma mulher de fato. Essa distinção entre os comportamentos de gênero masculino e feminino permeia toda a narrativa, evidenciando também os discursos predominantes na época.

A relação entre o ser feminino/masculino que João parece compreender em sua obra remete à noção de Parker (1991), em seu estudo sobre a cultura sexual brasileira, no qual ele aponta essa conexão como uma associação entre atividade e passividade. Parker afirma que “focalizada menos no eu sexual e na lógica da reprodução do que nas noções de atividade e passividade, essa ideologia é, provavelmente, a mais profundamente enraizada na vida brasileira”(PARKER 1991, pg.246) . Essa ideia é representada por João durante sua lua de mel com Mercedes, quando afirma: “Achava que, para ela, o homem é que deveria tomar a iniciativa” (NERY, 1974, pg. 75). Essa concepção é compartilhada por Heilborn (1996), que concorda que a relação entre masculinidade e dominação sexual e feminilidade e passividade é o modelo que estrutura as relações hierárquicas de gênero e identidade sexual na sociedade.

Foi com base nessa noção de masculinidade que João se apoiou para ser reconhecido e obter suas cirurgias. Isso porque um dos requisitos do processo cirúrgico era que o paciente se adaptasse socialmente. Suas cirurgias também visavam reduzir seus anseios e frustrações relacionados à sua vida sexual, um tema frequentemente mencionado em sua autobiografia. Um exemplo disso é a vez em que ele participou de um encontro de cientistas que discutiam disforia de gênero com seu endocrinologista, Porto. João foi utilizado como exemplo vivo e, durante sua “apresentação”, respondeu a diversas perguntas, incluindo uma sobre possíveis problemas com as relações sexuais, à qual ele respondeu:

[...] Realmente, o ato sexual em si é, geralmente, muito penoso para quem tem um corpo invertido e que não o sente atraente para si nem para o outro. Desligar-se nessa hora da realidade tão concreta e tão impeditiva é muito difícil. É necessário que haja uma forte fantasia substitutiva para podermos nos entregar a excitação. Daí, por nos ser tão custoso esse ato, que para qualquer sujeito normal é tão simples, não damos prioridade ao coito (NERY, 1984, pg. 171).

João por muito tempo se viu sem uma genitália que correspondesse com seu gênero masculino, apesar de não considerarmos a experiência de Nery como regra, uma vez que, como

mostra Ávila (2014, pg.131), não são todos os homens trans que desejam realizar a cirurgia de modificação no órgão genital, porém João aponta a falta de pênis como uma das principais problemáticas em sua vida, principalmente sexual.

Rafaela Costa de Azevedo na sua dissertação de mestrado sobre a trajetória de João Nery, reafirma esse fato ao dizer que “A tensão apresentada por Nery, por não possuir o órgão sexual masculino, parte de uma visão de masculinidade hegemônica, na qual o pênis é visto como única possibilidade de masculinização.” (AZEVEDO, 2020, pg.62). Foi por meio da cirurgia e da conformidade às normas da masculinidade que João reivindicou sua identidade masculina, buscando obter conforto psíquico e reconhecimento social, a fim de viver a vida da forma que sempre sonhou.

João passou por diversos processos cirúrgicos, entre eles as modificações dos órgãos reprodutores internos, o que ocasionou na possibilidade de urinar em pé, primeiramente passageira pois desenvolveu uma cistite²⁴ e algum tempo depois físsuras, que o fizeram urinar por três lugares diferentes, seguido de sua mastectomia, onde retirou os seios bem no dia de seu aniversário. “Quando sai dali estava de curativo, mas sem faixa. A camisa colada ao peito, como sempre sonhei” (NERY, 1984, pg. 200).

A partir daí João se viu na necessidade de utilizar um volume entre as pernas, principalmente após a visita de sua sogra, a qual não sabia de sua transexualidade, acabou por optar usar meias para passar a ideia de um volume em sua pernas, ele descreve esse momento como “obrigatoriedade social de portar um pênis postiço” (NERY, 1984, pg.209). Mesmo que seja para a satisfação da sociedade, encontrou em suas meias uma “muleta” que resolveria seu problema. Entretanto o que era pra ser somente momentânea, acabou por se tornar contínuo, Nery não só passou a usar as meias recorrentemente, como também começou a se comportar de uma forma, a qual ele considerava mais natural, com o intuito de evidenciar sua masculinidade a partir desse novo mecanismo.

Não só eu me preocupava agora em que tudo estivesse perfeito e natural, no lugar certo, como um novo comportamento surgiu em consequência desse uso: passei a me sentar de pernas abertas, provocando posições em que pudesse evidenciar a existência dos meus genitais, numa típica atitude de auto-afirmação e (por que não?) exibicionismo! (NERY, 1984, pg. 210).

Vale ressaltar que um dos motivos pelos quais João não realizou a faloplastia é explicado em *Viagem Solitária*. O principal motivo, em um primeiro momento, foi o fato de essas cirurgias serem muito intrusivas, sem garantia de sucesso. Além da necessidade de viajar para o exterior,

²⁴ Infecção ou inflamação da bexiga, causada pela bactéria *escherichia coli* que pode infectar a uretra se estiver no trato urinário, o que ocorreu com João.

havia uma grande probabilidade de o indivíduo operado perder qualquer sensibilidade no órgão, impossibilitando a experiência de orgasmos. O próprio João aponta a falta de muitas opções disponíveis. Ele descreve a cirurgia da época da seguinte forma:

basicamente na elaboração de um tubo costurado na barriga, no meu caso, do lado esquerdo, porque no direito estava a cicatriz da histerectomia²⁵. Depois de alguns meses, quando já estivesse irrigada, uma das extremidades seria cortada e costurada para baixo, em cima da nova uretra, que já havia sido feita anteriormente. Mais uns meses e se cortaria a outra ponta presa no abdômen para ficar no lugar. Começariam então os procedimentos para a feitura do saco escrotal (NERY, 2019, p.237).

Ou seja, além de ser um procedimento longo, e que deixaria muitas cicatrizes, ainda possuía um caráter experimental, podia dar errado de diversas maneiras, ele ressalta que vinte anos depois além da cirurgia de “redesignação sexual” ser feita gratuitamente pelo SUS, outras técnicas mais modernas foram testadas, onde os riscos são outros e menores, como por exemplo a neofaloplastia²⁶ e a metoidioplastia²⁷ (NERY, 2019, p. 238).

9. AS DIFICULDADES NOS PROCESSOS DE DOCUMENTAÇÃO

É importante ressaltar que João se submeteu a um processo cirúrgico clandestino, onde não havia nenhuma garantia de que todo o procedimento daria certo. Ele de certa forma colocou sua vida em risco, pois não havia qualquer processo legal que o protegesse, nem mesmo um amparo médico adequado para casos como o dele.

Esse tipo de cenário ainda demorou um certo tempo para mudar, pois somente em 2008 que o processo transexualizador foi financiado e autorizado a ocorrer dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), através da Portaria nº 1.707 do Ministério da Saúde, entretanto, foram incluídos nesta portaria somente os procedimentos de readequação de gênero para mulheres trans; os homens ficaram de fora, e continuaram até novembro de 2013, quando finalmente o Ministério da Saúde publicou a Portaria nº 2.803, que redefiniu e ampliou o Processo Transexualizador, passando a incluir travestis e homens trans, Ávila (2014) pontua como o acesso ao processo transexualizador é dificultado por não haver muitos hospitais credenciados para a realização da cirurgia, de acordo com ela:

“A grande dificuldade encontrada pela maioria dos interlocutores é o acesso ao processo

²⁵ Cirurgia que consiste na retirada do útero

²⁶ Procedimento que utiliza tecido de outras partes do corpo para criar um pênis. Disponível em: <<https://ubirajarabarroso.com.br/cirurgia-de-redesignacao-sexual-em-homens-trans-o-que-e-requisitos-como-e-feita-pos-operatorio>>

²⁷ Consiste no descolamento do clitóris e correção da curvatura genital para criar um falo maior Disponível em: <<https://ubirajarabarroso.com.br/cirurgia-de-redesignacao-sexual-em-homens-trans-o-que-e-requisitos-como-e-feita-pos-operatorio>>

transexualizador, pois até novembro de 2013 somente quatro hospitais estavam credenciados pelo SUS, o Hospital de Clínicas de Porto Alegre da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, Hospital das Clínicas da Fundação Faculdade de Medicina de São Paulo e Hospital Universitário Pedro Ernesto da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.” (ÁVILA, 2014, pg.125)

Atualmente, de acordo com uma nota emitida pelo Ministério da Saúde (MS) em junho de 2023, 21 estabelecimentos de saúde estão habilitados para prestar a Atenção Especializada no Processo Transexualizador, sendo que dentre esses, 12 são habilitados somente na modalidade ambulatorial, que cobrem tratamentos onde não é necessário a internação, como por exemplos os processos com o endocrinologista; 2 são habilitados na modalidade hospitalar, onde já é prevista a internação hospitalar, com UTI, medicamentos, exames e outros procedimentos necessários; enquanto os outros 9 possuem tanto a modalidade ambulatorial quanto a hospitalar.

A região que mais possui hospitais que realizam esses procedimentos é a sudeste, com 10 hospitais, as demais possuem números menores: Nordeste 4, Sul 3, Centro-Oeste 2 e Norte Somente 1 hospital, o que escancara como o acesso a saúde pública da população Trans ainda não alcançam todos e todas, principalmente em regiões mais afastadas, pois a maioria dos hospitais ficam nas grandes capitais, o que dificulta ainda mais o acesso para pessoas que moram no interior.

Uma das grandes vitórias da comunidade trans foi a facilitação da retificação de nome e Gênero, em 2018, pois com o julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) nº 4275, o Brasil passou a possibilitar a requalificação civil de nome e gênero de pessoas trans diretamente nos cartórios de registros públicos sem a necessidade de cirurgias e/ou laudos médicos, essa decisão foi regulada por meio do pavimento nº 73 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), o que resultou na desburocratização da retificação de nome e gênero, além de contribuir na luta pela despatologização de corpos trans.

A mudança dos documentos públicos de identificação é exigida em diversos âmbitos da vida social. Quando o registro civil não mais condiz com a realidade de uma pessoa, muitas das situações cotidianas acabam por virar uma fonte de estigma e constrangimento. Podemos ver como isso ocorreu com Nery, que no momento que saiu de casa para morar com uma de suas namoradas, passou a utilizar uma carteirinha de estudante que continha um nome masculino, foi o primeiro “documento” que ele usou onde poderia afirmar sua identidade sem grandes preocupações.

Após realizar todos os procedimentos cirúrgicos e as mudanças estéticas se tornarem cada vez mais masculinizadas, a carteirinha passou a não ser mais suficiente. Embora João Nery

estivesse cada vez mais próximo da aparência ideal que desejava e fosse reconhecido como tal, a falta de documentos o distanciava dos parâmetros de normalidade estabelecidos pela sociedade, colocando-o na posição de um sujeito estigmatizado.

Seu desconforto perante tal assunto fica mais evidente quando Selma, também uma pessoa Trans que passou pela cirurgia de redesignação sexual, o visita e questiona o porquê de ainda não ter tirado uma certidão de nascimento, ao qual João responde que “A ideia já me ocorrera uma infinidade de vezes, mas eu não tinha noção do que seria necessário para concretizá-la. Além do mais, sentia uma mescla de medo e revolta por ter que praticar um ato ilegal devido ao atraso legislativo do país” (NERY, 1984, pg. 228).

Apesar do receio inicial, com a ajuda e apoio de Selma, João foi ao cartório nos arredores da cidade, onde ao chegar sua vez, inventou uma história de que já era maior de idade, mas ainda não havia sido registrado, o que para a época não era nada absurdo, amparado por Selma que afirmou sua história, utilizou a desculpa de que precisava se alistar no exército em função da obrigatoriedade jurídica, após pagar uma multa pela demora em se registrar, forneceu os dados: “- Nome? – João Walter Nery. – Idade? – Dezenove – afirmou categoricamente Selma.” (NERY, 1984, pg. 229). A informação o pegou desprevenido, pois na época Nery já possuía 28 anos, Selma explicou que disse essa idade pois a ausência de barba o deixava com a aparência de mais novo, e poderia gerar uma desconfiança se dissesse sua idade verdadeira, mas esse fato não foi muito discutido, e ele logo aceitou, pois daquele dia em diante, o nascimento de João Walter Nery havia se tornado oficial.

10. INFÂNCIA, FAMÍLIA E A JORNADA DA ACEITAÇÃO

Desde a infância, Nery já se via como alguém diferente do que seus familiares esperavam que ele fosse. Não gostava de ser tratado como menina, muito menos de usar vestidos ou saias. O autor relata que, desde que se lembra, nunca se viu como menina, mesmo sendo incumbido dessa percepção e tendo que lidar com as expectativas das pessoas ao seu redor, que constantemente o repreendiam ou o presenteavam com objetos de um determinado gênero. Tal comportamento é explicado por Bento (2006), pois:

O sexo é uma das normas pelas quais “alguém” simplesmente se torna viável, que qualifica um corpo para a vida inteligível. Há uma amarração, uma costura, ditada pelas normas, no sentido de que o corpo reflete o sexo, e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação. As performatividades de gênero que se articulam fora dessa amarração são postas às margens, pois são analisadas como identidades “transtornadas” pelo saber médico. (BENTO, 2006, pg.86)

Analisando a obra de Nery, é possível perceber que identidades que não seguem à risca a performatividade de gênero esperada acabam, mesmo que inconscientemente, se retraindo do convívio social. João era bastante aberto sobre seu desejo de ser um menino, sempre se expressando de maneira masculina durante a infância. No entanto, também era repreendido simplesmente por não querer realizar "coisas de menina". O mesmo afirma que “Por estar sempre sendo podado por todos, sem que ninguém compreendesse o que eu era, principalmente porque faziam questão de me ver como nunca fui, tornei-me um ser acuado” (NERY, 1984, pg.25). Ou seja, a negação e a repreensão em relação a tudo o que o fazia sentir vontade de se expressar culminaram para que Nery fosse uma criança triste, como ele mesmo relata diversas vezes.

A criança “constroi e se apropria dos bens culturais e vai construindo a sua personalidade e a sua identidade de acordo com os padrões predeterminados sobre o que é certo ou errado” (BITTENCOURT, 2014, pg.148). Ela irá se autorreconhecer a partir de suas experiências pessoais, mesmo que essas experiências não estejam alinhadas ao binarismo de gênero, como ocorreu diversas vezes com João, que desejava ficar sem camisa como seu pai ou, nas brincadeiras de faz de conta, sempre buscava desempenhar papéis masculinos. Ele se inspirava em seu Jorge, um homem de origem humilde que morava em sua garagem e era praticamente um faz-tudo. Se “a nossa imagem é formada a partir do outro” (NERY, 1984, p. 36), então o espelho do outro, para João, sempre foi masculino, e ele sempre demonstrou o desejo de ser reconhecido como tal.

A possibilidade de começar a assumir sua identidade masculina surgiu depois que João saiu de casa e foi morar com sua primeira namorada, Mercedes. Ela o incentivava a expressar sua masculinidade, tratando-o com apelidos neutros e presenteando-o com roupas consideradas masculinas, o que foi fundamental nesse início de sua jornada como homem trans. Em um Brasil ditatorial e preconceituoso — não muito diferente do atual —, João vivia em constante medo de ser "descoberto", acredito que a passabilidade²⁸, não era só uma questão de querer, mas também de precisar, para enfim poder transitar tranquilamente pela sociedade.

João contou com um grande apoio de sua companheira, mencionada em sua obra como Amanda, que esteve ao seu lado durante todos os processos cirúrgicos. Ela o sustentou financeiramente quando Nery não podia contribuir e ofereceu apoio em todos os momentos delicados do pós-operatório. Amanda esteve presente para testemunhar de perto cada mudança e cada vitória que o aproximavam do que ele sempre desejou. Nery retrata esse companheirismo

²⁸ No contexto de Gênero, a passabilidade ocorre quando uma pessoa, normalmente trans, é percebida como cisgênera, sem que sua condição seja percebida ou apontada.

em uma das passagens de sua autobiografia.

Amanda começou dizendo ‘não’ a tudo que eu ou ela não nos deixávamos ser. Ela respeitava as minhas dificuldades até o ponto em que estas não me desrespeitavam e vice-versa. Ademais, foi a única pessoa que acreditou no meu desespero de querer nascer, não de novo, mas pela primeira vez. (NERY, 1984, pg. 124).

Já em relação à sua família, o processo foi um pouco diferente. Nery era o terceiro filho de uma família de seis, sendo o único filho homem. Embora nunca tenha sido completamente excluído do círculo familiar, precisou enfrentar algumas rejeições. Sua irmã mais velha, retratada como Mariana, não se importava muito com o assunto e o respeitou quando Nery revelou sua transição. Seu marido até brincou com a situação, e ambos demonstraram interesse em entender mais sobre as cirurgias, chegando a conversar em particular com o doutor Porto. A situação com sua segunda irmã foi um pouco mais complicada, pois ela já manifestava grande insatisfação com o fato de Nery gostar de mulheres, mesmo antes de ele abordar o tema da transição.

- Não posso admitir uma coisa dessas, Joana! Você não quer é assumir a mulher que existe em você! Assim, nunca conseguirá ser feliz! Acho que uma análise a ajudaria bastante. Por que não se submete a uma? Posso lhe indicar uma conhecida minha, psiquiatra, que resolverá seu problema de homossexualismo (NERY, 1984, pg. 134).

Ele relata que, ao saber de sua transição, sua irmã Leila ficou profundamente abalada. A reação de sua irmã mais nova, apresentada como Van, foi a mais pacífica. Morando fora do Brasil, ela recebeu a notícia com entusiasmo, achando tudo incrível e manifestando grande apoio, chegando a se dispor a obter informações no hospital de Stanford, que ficava relativamente próximo de onde vivia.

A aceitação mais difícil e demorada foi a de seus pais, algo que também reflete a realidade de centenas de outras pessoas trans. Embora sua sexualidade já fosse, de certa forma, aceita pela família, a novidade das cirurgias corporais foi recebida com choque e vista como uma loucura. Seu pai se omitiu completamente, cortando qualquer contato com Nery, enquanto sua mãe, pelo menos, respondeu à sua carta, embora tentando convencê-lo a mudar de ideia.

Nery ficou ainda mais abalado pelo fato de seus pais se culpabilizarem por ele ser trans, como se houvesse algo ou alguém a ser culpado. Apesar de tentar arduamente tirar essa ideia da cabeça deles, não conseguiu tão cedo. A partir desse momento, Nery relata um sentimento de abandono, tanto por parte de sua família quanto de vários amigos que não compreendiam o que ele estava passando. Isso destaca a importância do suporte, pois, mesmo tendo perdido algumas redes de apoio, Nery ainda pôde contar com sua companheira e duas de suas irmãs. Muitas pessoas não têm essa sorte e acabam desistindo devido à pressão de todos ao seu redor.

Esse cenário começou a mudar quando Nery encontrou um novo psiquiatra disposto a lhe fornecer o laudo necessário para realizar as cirurgias. No entanto, para isso, ele precisava da permissão de sua mãe, que inicialmente era contra, por medo de um possível arrependimento futuro e de complicações cirúrgicas. Nery relata que, pela primeira vez, entendeu a ambivalência de sentimentos de sua mãe, e, após uma conversa franca entre os dois, ela acabou mudando de ideia e aceitou a realização das cirurgias.

Seu reencontro com o pai foi mais demorado e só ocorreu graças a uma amiga de seu pai, retratada como Tereza, que foi a doutora responsável pela mastectomia de Nery. Ela foi o elo que faltava para que seu pai reunisse coragem para conversar pessoalmente com ele, um momento retratado com muita emoção por Nery. Esse encontro foi marcado por bastante franqueza, e algumas passagens podem ser interpretadas como um desabafo que João carregava há muito tempo, como, por exemplo, a parte em que ele diz ao pai: “-É pai. O amigo, o companheiro, o filho que sempre fui, nunca foi realmente visto. Talvez você não pudesse, ou não quisesse vê-lo ... Mas, pelo menos, fico feliz de um dia podido dizer isto a você”. (NERY, 1984, pg. 242)

11. PATERNIDADE E VIDA APÓS AS CIRURGIAS

Na última parte de seu livro *Viagem Solitária*, João escreve sobre todo o processo de se tornar pai. Aos 37 anos, ele assumiu a paternidade da filha de sua então esposa, a quem dá o pseudônimo de Lola, que engravidou devido a uma relação extraconjugal. Nery menciona brevemente como essa traição o afetou, mas logo superou esse sentimento devido ao crescente desejo de ser pai. Ao confirmar a gravidez, ele relata: “Fiquei na maior felicidade, mesmo sem saber qual seria o meu lugar nessa paternidade” (NERY, 2019, pg.258).

Vejamos, Nery, sendo socialmente visto e percebido como homem, aos olhos da sociedade que desconhecia sua história, teoricamente não enfrentaria muitos obstáculos, pois parecia compor o modelo tradicional de família nuclear. Isso fica evidente quando ele menciona que sua sogra, que não sabia de seu passado, passou a olhá-lo com mais respeito. Entretanto, essa não é toda a realidade que o autor nos apresenta. João, como homem transexual, mesmo após passar por diversas cirurgias, optou por não seguir o modelo tradicional de família patriarcal.

De acordo com Narvaz e Koller, o patriarcado não determina necessariamente apenas o poder do pai, mas o poder dos homens em geral. Eles afirmam que há duas formas de organização social em que as relações são regidas: “ 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais

velhos” (NARVAZ & KOLLER, 2006, pg.50). Ou seja, em uma sociedade em que os homens possuem maior valor, João, desde o momento em que seu filho nasceu, se dispôs a cuidar dele, enquanto sua esposa voltava ao trabalho. Em nenhum momento fugiu de sua responsabilidade social como pai e se dedicou a transcender a cultura machista de nossa sociedade, na esperança de criar um menino especial, que não precisasse ser educado dentro das limitações de uma família patriarcal.

Apesar de não ser o pai biológico, Nery amou e criou seu filho com todo o zelo possível. Mesmo não sendo biologicamente dele, é Nery quem exerce a função parental: cuidar, alimentar, zelar pela saúde, educação e por todas as demais responsabilidades que surgem no dia a dia. Zambrano (2006) discorre sobre como a parentalidade não está necessariamente ligada ao parentesco biológico e pode ser exercida por pessoas sem vínculos legais ou de consanguinidade com a criança.

É importante destacar que Nery sempre foi pai; em nenhum momento ele assumiu ou foi referido em um papel materno. Como pai, criou seu filho assumindo plenamente o papel paterno. Sendo um homem trans, Nery enfrentou algumas restrições, como não poder tomar banho nu com seu filho, como outros pais faziam, ou o momento em que seu filho encontrou sua prótese peniana e não entendeu o que era. Entretanto, em nenhum momento ele deixou de ser reconhecido como pai. Além disso, é interessante ressaltar o esforço de Nery em criar seu filho longe das influências do machismo. Ele afirma que:

Quis criar meu filho como um homem gentil, sincero, sensível, que não tivesse vergonha de chorar. Enfim, decide adotar todos os melhores valores que na nossa cultura são considerados femininos, sem fazer dele um ser necessariamente efeminado, fortalecendo sentimentos que dificilmente são enaltecidos nos homens. Mesmo sendo um trans-homem, fazia questão de preservar essas características, atitudes raras em muitas pessoas do meu gênero. (NERY, 2019, pg.268)

João se preocupava em educar seu filho da melhor maneira possível, reconhecendo que os valores "femininos", que ele costumava reprimir em si mesmo, eram os mais adequados para ensinar ao seu filho, permitindo que ele se desenvolvesse sem a pressão do machismo herdado. Evidentemente, Yan — nome dado por Nery ao seu filho no livro — cresceu cercado pelos estereótipos masculinos que a nossa sociedade impõe. Tornou-se impossível "blindá-lo" de uma sociedade machista, mas Nery, em nenhum momento, se deixou abalar e tentou educá-lo da melhor forma possível, apesar dos embates emblemáticos que enfrentou com sua ex-esposa devido à guarda compartilhada.

Na parte final do livro, João descreve um encontro que teve com outros homens trans de

idades próximas à sua. É surpreendente imaginar tantos homens que passaram pela transição de gênero na época da ditadura e sobreviveram para contar suas histórias por tanto tempo. Um ponto importante a destacar é a pluralidade desses homens. Apesar de terem vivido situações de vida similares, passado pelas mesmas cirurgias e compartilharem um aspecto muito específico de suas trajetórias — a transição de gênero —, ainda são pessoas completamente diferentes, com valores e perspectivas únicos.

Exemplo disso é quando João menciona o caso de um homem trans que decidiu engravidar: Thomas Beatie, que engravidou aos 34 anos após já ter feito a transição de gênero (BOURSEUL & LAUFER, 2016). Seria de se esperar que esses homens, que também foram tão julgados pela sociedade, compreendessem a posição desse homem trans. No entanto, isso não ocorre. As reações variam entre incredulidade e descaso, com alguns até mesmo questionando seu lugar como homem.

Nery é o único que tem uma reação mais positiva, considerando Beatie corajoso, embora tenha expressado dificuldade em entender por que ele ainda mantinha os órgãos sexuais internos. Esse estranhamento por parte dos amigos de João evidencia que, mesmo dentro de um grupo de pessoas estigmatizadas, ainda há a influência dos valores preconceituosos que a sociedade impõe. Butler afirma que:

A crença é que a própria cultura exige que um homem e uma mulher gerem uma criança e que a criança tenha esse ponto de referência dual para sua própria iniciação na ordem simbólica, onde a ordem simbólica consiste num conjunto de regras que ordenam e apoiam nossos sentidos de realidade e de inteligibilidade cultural."(BUTLER, 2003, pg.243 e 244)

Quando é o desenvolvimento de uma família que foge tanto do modelo nuclear, composto por homem cis e mulher cis, isso gera estranhamento, mesmo entre pessoas que também desafiam as expectativas sociais. Há uma quebra da ordem simbólica que leva tempo para ser compreendida, pois subverte a noção tradicional de "família natural". No que diz respeito à parentalidade trans, Angonese e Lagos destacam que:

As experiências da população trans relacionadas à reprodução e à parentalidade são predominantemente invisibilizadas. Reprodução e parentalidade geralmente são pensadas e relacionadas a um casal cisgênero e heterossexual, em uma constituição tradicional de família ou, no máximo, às formas de reprodução e adoção por casais homossexuais. (ANGONESE & LAGOS, 2018, pg. 2)

Nery foi atrás de entender melhor sobre parentalidade de pessoas trans, sabendo que a sua experiência não era a única e sua comunidade poderia ser tão plural, buscou se desconstruir e aprendeu sobre um caso bem emblemático sobre uma mulher trans que precisou lutar pela guarda do filho, e passou por diversas situações incomuns pela criança chamá-la de pai. Quando

perguntou ao seu filho o que achava, este respondeu algo que todos nós deveríamos seguir e tentar ser todos os dias de nossas vidas, “Acho que precisamos ser mais tolerantes” (NERY, 2019, pg. 334)

12. CONCLUSÃO

Analisar as narrativas de João Nery e Anderson Herzer nos permite refletir sobre algumas possibilidades acerca da construção de uma identidade transmasculina entre as décadas de 1970 e 1980 na sociedade brasileira. No caso de João, fica claro como o discurso médico era reforçado dentro da ideia de transexualidade e como a busca por mudanças corporais foi crucial para o desenvolvimento de sua identidade. Sua identificação com o gênero masculino está intimamente ligada ao repúdio que sentia pelas características biológicas femininas, além da adoção de trejeitos masculinos e dos papéis sociais que passou a desempenhar.

Por outro lado, Anderson começou a se entender sem muitas referências. Ele sabia que era diferente, mas o modelo que tinha à disposição eram os "machões" da FEBEM. Em sua jornada de autodescoberta, ele se intitulava o "machão verdadeiro", encontrando assim um sentido para sua existência. Embora esse título fosse abstrato, ele não deixava de ser um símbolo importante na construção de sua identidade.

Apesar das realidades e estilos de escrita muito distintos, os dois autores compartilham um ponto comum na construção de suas identidades transmasculinas: a performatividade de gênero. Mesmo que de maneiras diferentes, ambos buscaram, dentro da aprendizagem compulsivamente heteronormativa de gênero, meios de se expressar associados ao masculino. Fica evidente que, apesar de abordagens relativamente distintas, ambos se recusam a obedecer e performar comportamentos tradicionalmente atribuídos às mulheres, ao mesmo tempo em que tendem a corresponder às expectativas sociais em torno dos papéis de gênero atribuídos aos homens.

Enquanto Nery claramente buscava atender às demandas sociais de gênero. Já Herzer embora relatasse que sempre se imaginou como menino e assumisse o papel de "machão" dentro da FEBEM, adotando características visuais consideradas masculinas — como vestir-se de maneira masculina, manter o cabelo curto e deixar os pelos crescerem —, e também procurasse agir e se portar como homem, ele apresentava questionamentos bastante diferentes dos de Nery, especialmente quando o assunto era o órgão genital.

Para Herzer, ter testículos — ou, podemos supor, até mesmo um falo — não era o fator determinante para se intitular homem. Os testículos, por si só, não eram suficientes para provar sua masculinidade, que estava mais ligada à maneira de agir e à virtude demonstrada. Já para Nery, a masculinidade era hierarquizada, com o falo funcionando como um mecanismo de poder. Para ele, a identidade masculina também estava atrelada ao desejo de possuir um pênis, e ele

constantemente nos apresenta estratégias para "compensar" a ausência de um órgão sexual masculino, buscando legitimá-lo como homem heterossexual.

Na época em que Herzer e Nery estavam se entendendo, ser transexual era um segredo que raramente se espalhava. E, onde se espalhava, dentro dos discursos médicos, ser considerado um transexual "legítimo" significava realizar operações e aproximar-se ao máximo do modelo cis heterossexual. Além disso, para ser considerado um "transexual verdadeiro", era necessário alinhar sexo, gênero e sexualidade, criando corpos e identidades "coerentes". No caso de João, isso significava ser um homem com pênis, masculino e heterossexual.

A passabilidade também era uma grande preocupação, especialmente para João, que afirmava constantemente não querer ser "descoberto" e mencionava como ser reconhecido como mulher o colocava em situações humilhantes e constrangedoras. Há, atualmente, uma pluralidade de identidades e corpos legítimos que se intitulam trans, e que não precisam parecer visualmente "adequados" para serem reconhecidos como homens ou mulheres. No entanto, diante da sociedade heteronormativa, existem pessoas trans que possuem uma certa "passabilidade", uma estratégia utilizada para fugir da realidade dos preconceitos, "passando-se" por cis. Ou seja, não serem reconhecidas ou descobertas como pessoas trans. Segundo Bento (2017), entre os homens transexuais, é comum a percepção de que, ao serem reconhecidos socialmente como homens, seja pelo uso de testosterona ou por comportamentos considerados masculinos, a rejeição e os olhares julgadores de estranhos desaparecem ou se tornam menos frequentes.

Da mesma forma, em momentos cotidianos em que ainda é necessário ser identificado pelo antigo nome, ocorre um retrocesso nas conquistas feitas, configurando-se como mais uma forma de violência. Isso aconteceu diversas vezes com Nery, que enfrentou essas situações repetidamente. Já Herzer, por não possuir essa passabilidade, sofreu outros tipos de violência, especialmente por viver muitos anos em um ambiente carcerário, onde qualquer tipo de estigma era apontado e ridicularizado

Entendemos que a masculinidade construída pelos dois transmasculinos, são frutos de papéis de gêneros já construídos, baseados em discursos sociais que "produzem, promovem e implantam representações sobre masculinidades e feminilidades" (JESUS, 2012, p 01), ambos enfrentaram diferentes processos de enquadramento e transformações, principalmente pelo fato de que existe uma multiplicidade no processo de construção dessas identidades, assim como os diferentes processos de enfrentamento e sobrevivência, que variam de acordo com as experiências individuais.

Herzer e Nery constroem a si mesmos sem muitas referências, partiram para uma jornada de autodescoberta, tentando encontrar significado para a sua existência do melhor jeito possível. Sendo através de estereótipos ou não, uma das coisas que ambos tiveram que enfrentar é o fato de sempre terem sido colocados como objetos de estranhamentos, tendo sua masculinidade ou deslegitimada ou colocada em teste a todo momento, não eram considerados homens o suficiente, ao mesmo tempo que também não eram mulheres, Nery explica essa situação de um não pertencimento:

Nós, transmasculinos, habitamos um “entre lugar”: ao reivindicamos e ressignificamos as masculinidades, somos entendidos como aspirantes a privilégios machistas; por outro lado, não temos nossas masculinidades reconhecidas. Nossos corpos são lidos como estupráveis e seguem marcados pela tutela e controle, que caracterizam a opressão da sociedade com os corpos das mulheres. Por termos tido uma socialização inicial enquanto mulheres, mesmo que essa não fosse nossa identidade de gênero, fomos criados para calar, não reivindicar, não questionar, para a submissão diante do gênero masculino, com toda a patrulha sobre nossos corpos e expressões de gênero. (NERY, 2018, pg.401)

No decorrer desta pesquisa, pudemos observar diversas vezes como ambos os autores tiveram que lutar para encontrar o seu lugar, enquanto enfrentavam inúmeras formas de violência ao longo de suas trajetórias de vida. Isso se deu em grande parte porque, para a sociedade, eles eram sujeitos estigmatizados. Herzer, por exemplo, viveu essa estigmatização dentro da FEBEM, com o diretor o humilhando e fazendo-o sentir-se culpado por simplesmente existir. As agressões e os preconceitos que ele sofreu não deixaram espaço para que ele encontrasse esperança em sua existência. A vida de João foi mais longa, mas também marcada por violências e preconceitos. Ele teve que constantemente se provar para pessoas que nem o conheciam, apenas para poder viver sua verdade.

Na nossa sociedade atual, ser uma pessoa transmasculina significa não apenas vivenciar uma identidade de gênero, mas também representar uma identidade política, que atua na desconstrução de papéis de gênero normativos, puramente ideologizados, que por muito tempo foram usados para apagar identidades historicamente estigmatizadas. Ser uma pessoa transmasculina não se resume à expressão individual de gênero, mas envolve também um enfrentamento das normas de gênero tradicionais.

Entretanto, devemos pontuar que essas identidades políticas também podem ser contraditórias ou ambivalentes. As normas de gênero ideologizadas servem como ferramentas de exclusão e apagamento de identidades ideologizantes, porém, ao mesmo tempo, essas próprias identidades políticas podem acabar reproduzindo novas normas e hierarquias dentro de suas comunidades, como vemos com Nery e seus colegas bem mais velhos, estranhando o fato de um

homem trans ter engravidado. Ou seja, embora haja uma luta pela desconstrução de papéis de gênero tradicionais, também pode ocorrer outras formas de pertencimento e adequação, o que acaba por atrapalhar e limitar as novas expressões de gênero.

As trajetórias narradas por Nery e Herzer nos permitiram compreender alguns aspectos da experiência transexual na sociedade brasileira dos anos 1970 e 1980, a partir de pontos de vista bem distintos. Enquanto a trajetória de Nery demonstra como o acesso a certos privilégios pode oferecer maiores chances de sobrevivência e realização, a história de Herzer evidencia as profundas desigualdades e violências que ainda permeiam a vida de pessoas trans. Essas narrativas nos fazem refletir sobre o impacto da classe social, da informação e do apoio familiar na construção da experiência de vida. Histórias como a de João são motivo de celebração, pois mostram que pessoas trans, mesmo com todas as adversidades, conseguiram sobreviver em uma época extremamente hostil. Entretanto, histórias como a de Anderson são um lembrete diário de como a transfobia e a violência adoecem e matam, e de como a luta dessa comunidade, infelizmente, ainda está longe de terminar.

13. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Guilherme. “Homens trans”: Novos matizes na aquarela das masculinidades. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.20, n.2, 2012.
- AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION - APA. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5* Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ANGONESE, M; LAGO, M. C. S. Família e experiências de parentalidade trans. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v.52, 2018. DOI:10.5007/2178-4582.2018.57007
- AVELAR, Alexandre de Sá. Figurações da escrita biográfica. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 137-155, 2011.
- ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades**: a emergência de novas identidades políticas e sociais. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014
- ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. O “Y” em questão: as transmasculinidades brasileiras. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.
- AZEVEDO, Rafaela C. de. A trajetória de João Nery e a transexualidade no Brasil nas décadas de 1970 e 1980. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Campina Grande, 2020.
- BECKER, Howard S. 2008 [1963]. *Outsiders. Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BENJAMIN, Harry. *The Transsexual Phenomenon*. New York: Julian Press, 1966.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. Editora brasiliense, 1985, São Paulo
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. *Obras Escolhidas volume 1*. Ed. 3. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1987.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. 3ª ed. Salvador, BA: Editora Devires, 2017.
- BENTO, Berenice. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008 - (Coleção Primeiros Passos; 328)

BENTO, Berenice. TRANSVIAD@S gênero, sexualidade e direitos humanos. Editora da Universidade Federal da Bahia, EDUFBA. 2017, p. 107-108.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. A experiência Vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 2ª edição, São Paulo. 1967

BITTENCOURT, Rosania Maria Silvano. Relações de Gênero e sexualidade na infância: a escola como espaço de (des) construção das diferenças. Roteiro, p. 145-164, 2014.

BOURDIEU, P. "A ilusão biográfica". AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 181-191, 2006.

BOURSEUL, V.; LAUFER, L.. Atualidades do "rochedo" freudiano: o "primeiro homem grávido". **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 19, n. 1, p. 9–20, jan. 2016.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**; tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 95-126, 2009.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu* nº21, Campinas, 2003. p. 2019-160.

CARVALHO, Marília. de Gênero e trabalho docente: em busca de um referencial teórico. In: Bruschini, Cristina; Holanda, Heloísa Buarque de (orgs.). **Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 379-409.

CALDEIRAS, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.

CONNELL, Robert. W. Políticas de masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, pp. 185-206

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber ; tradução de Luiz Felipe Baetas Neves - 3 ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1987

FOUCAULT, Michael. Resumo dos cursos do Collège de France: 1970-1982. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC Ed., 1988

GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. Tradução de Dante Moreira Leite. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

HEILBORN, Maria Luiza, **Ser ou estar homossexual**: dilemas de construção de identidade social. In: Parker, Richard, Barbosa, Regina (orgs.). Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p. 136-45.

HERZER, Anderson. A queda para o alto. Petrópolis: Vozes, 1987.

JESUS Jaqueline. Gomes. **Orientação sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2ª edição. Brasília, 2012.

JESUS, Jaqueline Gomes de. A negação do corpo feminino. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233854677_A_negacao_do_corpo_feminino. Acesso em: 02 de setembro de 2024

LEITE Jr., Jorge. Nossos corpos também mudam: A invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume, 2011

LOMANDO, E. M. (2014). Processos, desafios, tensões e criatividade nas conjugalidades de homens e mulheres transexuais (Tese de doutorado)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. LUME - Repositório Digital da UFRGS <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/101427>

Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Famílias e patriarcado: Da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*. Rio Grande do Sul, pg. 49-55.

NEVES, B. B. **Transmasculinidades e o cuidado em saúde**: desafios e impasses por vidas não-fascistas. 2015. Dissertação (Mestrado em Clínica Médica) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015

NERY, J. W. e Maranhão Filho, E. M. A. (2017). Deslocamentos subjetivos das transmasculinidades brasileiras contemporâneas. *Revista Periódicus*, 1(7), 280-299. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i7.22279>

NERY, W. João. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. História do movimento LGBT no Brasil. São Paulo: Alameda, 2018.

NERY, W. João. *Viagem Solitária: a trajetória pioneira de um transexual em busca de reconhecimento e liberdade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Leya. 2019.

NERY, W. João. *Erro de pessoa: João ou Joana?*. Rio de Janeiro. Editora Record. 1984

PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991. 295 p.

PINO, N. P. A teoria *queer* e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*, v. 28, p. 149-174, jan./jun. 2007

PRATTA, Elisângela Maria Machado e SANTOS, Manoel Antônio dos. **Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico**. Estudos de Psicologia, v. 11, n. 3, p. 315-322, 2006 Tradução.

PRECIADO, Beatriz, Manifesto Contrasexual. tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo. 1ª edição. 2004

SCOTT J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20 (2), 71-99

STOLLER, R. J. P. **Presentation of gender**. Yale: Yale University Press. 1985

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. *Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade*. Campinas, SP, 2009.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. A história da FEBEM-SP: uma perspectiva e um recorte. Seminário de trabalho sobre o reordenamento do sistema de atendimento das medidas sócio-educativas. AASPTJ-SP - Associação dos Assistentes Sociais e Psicólogos do TJ. São Paulo, 07 e 08 de abril de 2005.

VELHO, Gilberto, **Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social**, 8ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

ZAMBRANO, E.. Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes Antropológicos**, v. 12, n. 26, p. 123–147, jul. 2006.